Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA)



Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a agricultura

Área Temática: Agro-Bioenergia

Período de Análise: agosto de 2009.

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da Abag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Revista Isto é Dinheiro Rural
Revista Globo Rural

Observatório de Políticas Públicas para a Agricultura

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL 4

Etanol 4

Produção de cana de MS pode gerar US$ 8,1 milhões em crédito de carbono – Sítio Eletrônico da CNA – 14/08/2009 4

Preço do açúcar anima cadeia da cana – Gitânio Fortes – Folha de São Paulo – Dinheiro – 04/08/2009 7

Carro a álcool segura consumo de combustíveis – Samantha Lima – Folha de São Paulo – Dinheiro – 11/08/2009 9

Mansur anuncia compra de usina em Ribeirão Preto – Roberto Madureira - Folha de São Paulo – Dinheiro – 07/08/2009 10

Açúcar ajuda a Cosan a obter lucro recorde de abril a junho – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Dinheiro – 15/08/2009 10

Quem não paga, não sabe o custo – Sítio eletrônico do MST – 05/08/2009 11

Falta de chuva na Índia faz preço do açúcar disparar - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – agronegócios – 07/08/2009 16

Usina fixa 65% do açúcar para exportação - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios – 11/08/2209 17

Baixas cotações do álcool estimulam consumo em 22 Estados, mostra ANP – Monica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios – 11/08/2209 18

Com chuva no Brasil e seca na Índia, açúcar não para de subir – Monica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios – 13/08/2009 19

Processamento de cana da Cosan será recorde – Valor Econômico – Agronegócio – 17/08/2009 20

Perdas com derivativos nas usinas atingem até R$ 4 bi – Sítio Eletrônico da CNA – 28/08/2009 21

Argentino investe em energia no Brasil – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 26/08/2009 23

PETROBRAS NEGOCIA COM USINA BRENCO – Folha de São Paulo – Dinheiro – 25/08/2009 25

Caramuru vai investir R$ 104 milhões em projetos de biodiesel e óleo de soja - Patrick Cruz – Valor Econômico – Agronegócios – 19/08/2009 25

Usina do PR negocia aquisições - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios – 19/08/2009 26

GP Investimentos volta a avaliar ativos em açúcar e álcool no país - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios – 21/08/2009 28

ETH inaugura usina e 'olha oportunidades' - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios – 27/08/2009 30

POLÍTICA NACIONAL DE BIOCOMBUSTÍVEIS..... 32

Biodiesel.....32
Câmara setorial discute diversificação e sustentabilidade das matérias-primas do biodiesel – Sítio eletrônico do MAPA – 19/08/2009.....32
Etanol.....33
Álcool está a salvo, dizem especialistas – Sítio Eletrônico da CNA – 04/08/2009.....33
Preço do açúcar anima cadeia da cana – Sítio Eletrônico da CNA – 04/08/2009.....33
Alta do açúcar não salva usinas, diz Única – Sítio eletrônico da CNA – 21/08/2009 ...35
Queda-de-braço entre ministérios emperra investimentos de usinas – Sítio Eletrônico da CNA – 25/08/2009.....35
Colheita de cana atinge recorde de 40 milhões de toneladas na primeira quinzena do mês – Sítio eletrônico da CNA – 25/08/2009.....37
Futuro da Cana não Está apenas no Etanol – Eduardo Magossi - Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 19/08/2009.....38
Energia – Esperança vem até de dejetos – Washington Novaes- Estado de São Paulo – Espaço Aberto – 28/08/2009.....40
Energia no país ficou 30% mais suja, diz ministério – Marta Salomon – Folha de São Paulo – Ciência – 28/08/2009.....42
Energia do carvão faz o Brasil poluir mais – O Globo – Capa – 28/08/2009.....43

RELAÇÕES INTERNACIONAIS..... 46

Etanol.....46
AIE reduz previsão para etanol brasileiro – Daniela Milanese - Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 13/08/2009.....46
Angola plantará cana com o Brasil – Sítio Eletrônico da CNA – 28/08/2009.....47
Brasil e UE farão parceria com a África para produzir etanol - Assis Moreira – Valor Econômico – Agronegócios – 20/08/2009.....47

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL

Etanol

Produção de cana de MS pode gerar US$ 8,1 milhões em crédito de carbono – Sítio Eletrônico da CNA – 14/08/2009

A produção de cana-de-açúcar de Mato Grosso do Sul é suficiente para gerar US$ 8,1 milhões em crédito de carbono, segundo o presidente do Conselho do Ministério da Ciência e Tecnologia, José Roberto Moreira.

"Mato Grosso do Sul é um dos fortes candidatos à geração de eletricidade com bagaço de cana", afirma.

Professor e doutor pela Universidade de São Paulo - USP, José Roberto estará no dia 25 de agosto em Campo Grande, onde vai proferir palestra sobre crédito de carbono, durante o 3°Congresso de Tecnologia na Cadeia Produtiva da Cana-de-Açúcar em Mato Grosso do Sul - Canasul. O evento será realizado no Centro de Convenções Rubens Gil de Camillo pela Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul - FAMASUL, através da Comissão Técnica de Bioenergia, e conta ainda com a promoção do Governo do Estado, da Fiems, e o apoio do Ministério da Agricultura.

Moreira ressalta que hoje Mato Grosso do Sul, que atingiu produção de 27 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, tem potencial para produção de um excedente de energia equivalente a quase 1% do consumo nacional. Com essa produção, as usinas atingiriam 810 mil toneladas de CO2 (dióxido de carbono) para negociar em um ano, o que equivale a US$ 8,1 milhões.

Ele explica como é feito o cálculo. A cada tonelada de cana-de-açúcar é produzido 0,1 MWh de energia excedente. Após conhecer a quantidade de energia excedente produzida é preciso multiplicar o resultado por 0,3 para que seja obtido o volume de CO2 . Em média, o crédito de carbono vale US$ 10,00, a tonelada.

O professor pondera que a produção de 0,1 MWh de energia excedente por tonelada de cana leva em consideração usinas modernas e com caldeiras de altíssima pressão, sendo que em plantas com menos tecnologia a produção pode ser até cinco vezes menor.

Em Mato Grosso do Sul esse mercado é promissor, uma vez que muitas usinas novas e com alta tecnologia estão se instalando. Hoje existem 14 usinas em operação e só neste ano outras sete entrarão em operação, consolidando até 2012 investimentos de R$ 2,3 bilhões.

Entenda como funciona o processo – O protocolo de Kyoto prevê que as nações industrializadas devem reduzir suas emissões de gases do efeito estufa em 5,2% em relação aos níveis de 1990, durante o período de 2008 a 2012.

Seguindo as metas determinadas por cada País, as indústrias têm duas alternativas: melhorar a eficiência energética ou se não conseguir reduzir as emissões de carbono comprar créditos de terceiros.

A quantidade de CO2 que for retirada ou deixar de ser despejada na atmosfera é o que pode ser convertido em créditos de carbono.

O professor José Roberto Moreira lembra que no fim deste ano serão definidos os novos protocolos para comercialização de crédito de carbono a partir de 2013

Bagaço pode virar gás e depois álcool – Renato Cruz - Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 02/08/2009

transformação de caldo em etanol aproveita somente um terço do potencial energético da cana-de-açúcar. Os outros dois terços estão no bagaço e na palha. O Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) está criando, com um grupo de empresas, um projeto para desenvolver uma técnica de gaseificação de biomassa, que permitiria transformar esse material que hoje não é utilizado em vários produtos, como gasolina, diesel, metanol, etanol e fertilizantes.

"Fechamos um acordo com quatro grandes indústrias químicas do Brasil, definindo o modelo de fomento e de propriedade industrial", disse João Fernandes Gomes de Oliveira, diretor-presidente do IPT. "Distribuímos o memorando de entendimento, que deve ser assinado até o fim do mês." A planta piloto de gaseificação será instalada em Piracicaba (SP), em parceria com o Centro de Tecnologia Canavieira (CTC).

O IPT tem 30 anos de pesquisa em gaseificação. "É uma tecnologia que funciona muito bem na bancada", afirmou Oliveira. "O desafio é fazê-la funcionar em escala comercial." O processo de gaseificação de carvão é usado comercialmente na África do Sul há muito tempo, desde a década de 50. Lá, eles transformam o carvão mineral em gás para depois convertê-lo em diesel e gasolina.

"Por causa do apartheid (política de segregação racial), eles não podiam importar petróleo", explicou o pesquisador Ademar Hakuo Ushima, do IPT. "O processo é viável economicamente, pois eles continuaram a produzir combustíveis líquidos a partir do carvão depois do fim do apartheid."

Mas não é possível adotar o mesmo processo para trabalhar com bagaço de cana porque as características das matérias-primas são muito diferentes. "Existem gargalos tecnológicos que levam à necessidade de adaptar a tecnologia", apontou Ushima.

O processo de gaseificação acontece da seguinte forma: o bagaço e a palha de cana são colocados num gaseificador, que tem condições de pressão e oxigenação controladas. Eles são aquecidos a uma temperatura de 800º C a 1.200º C, com um terço do oxigênio que seria necessário para a sua combustão. A pressão é de 10 a 30 atmosferas.

O processo dá origem a um gás rico em monóxido de carbono e hidrogênio, que precisa passar por equipamentos e produtos químicos para que sejam retiradas impurezas, como o alcatrão. Depois disso, o gás é colocado em um reator de síntese, que transforma o gás em combustíveis líquidos e outros produtos.

Segundo Ushima, existem três desafios tecnológicos que ainda precisam ser vencidos no processo de gaseificação de biomassa. Um deles é como colocar o bagaço e a palha da cana no gaseificador sem perder a pressão. Outro são os materiais que precisam ser usados no gaseificador. "A cinza da biomassa é diferente", afirmou o pesquisador. Em terceiro lugar está a purificação do gás, pois as impurezas também são diferentes.

O centro de gaseificação de biomassa de Piracicaba deve ficar pronto no fim de 2010. A ideia é que a pesquisa dure três anos, com o objetivo de chegar ao término desse período com o domínio de uma técnica que tenha viabilidade comercial. O IPT está submetendo o projeto ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) para levantar de R$ 50 milhões a R$ 60 milhões para a pesquisa.

"Se a gaseificação servisse só para produzir etanol, não iria compensar, pois a tecnologia que temos hoje é bastante eficiente", avaliou Alfred Szwarc, consultor da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica). "Com os outros produtos, começa a ficar interessante." A gaseificação é uma das alternativas tecnológicas para se chegar ao chamado etanol de segunda geração, criado a partir da celulose.

Com 110 anos de existência, o IPT é o centro de pesquisas mais antigo do Brasil. O centro de gaseificação em Piracicaba faz parte de uma nova estratégia do instituto de reunir empresas em grandes projetos de pesquisa, que dificilmente seriam financiados por somente uma companhia.

Preço do açúcar anima cadeia da cana – Gitânio Fortes – Folha de São Paulo – Dinheiro – 04/08/2009

Cotações no mercado futuro alcançam as maiores altas em décadas e mercado no Brasil se mantém no auge da safra

Bolsa de Nova York registra maior valor em 3,5 anos para o primeiro contrato; saca de 50 kg sobe ano a ano e já chega a R$ 42 em SP

Chuvas além da conta no Brasil e clima muito seco na Índia sustentam os preços do açúcar no mercado internacional. Ontem, num dia de forte alta das commodities - produtos primários com grande participação no comércio mundial-, o açúcar fechou a 19,14 centavos de dólar por libra-peso, alta de 2,85% em relação ao pregão de sexta-feira no mercado futuro de Nova York. A máxima chegou a 19,43, o maior patamar em 3,5 anos. Em Londres, a tonelada ficou em US$ 502,90 para o primeiro contrato, valorização de 2,26%, na maior cotação em 25 anos.
Em relação a um ano atrás, os preços nova-iorquinos estão 35,46% mais altos. Os londrinos, 24,79%. Analistas esperam que os futuros do açúcar superem em breve os 20 centavos de dólar por libra-peso em Nova York. Confirmada essa previsão, cairá um recorde de 28 anos. Essa tendência se explica pela evolução das safras dos maiores produtores mundiais.
"A Índia está muito seca, e o Brasil, muito úmido. Isso ocorre em um momento de déficit [global] de 9 milhões de toneladas", afirma Hussein Allidina, chefe de pesquisa de commodities do Morgan Stanley. Ele prevê que a produção brasileira alcance 35,7 milhões de toneladas. "Entretanto, se as chuvas continuarem, a cana será deixada nos campos."
Antonio de Padua Rodrigues, diretor técnico da Unica (União da Indústria de Cana de Açúcar), afirma que o mercado corrige os efeitos de projeções que não devem se confirmar. No começo da safra, em abril, a expectativa era que o centro-sul do Brasil chegasse a 32 milhões de toneladas de açúcar, depois dos 26,8 milhões da temporada 2008/09. A previsão foi revista para 31,2 milhões, mas, "agora, aparentemente está difícil chegar a esse número". O excesso de chuvas diminuiu o teor de sacarose dos canaviais, reduzindo o rendimento do processamento do açúcar e do álcool.

Monções
Na Índia, o problema é o oposto do Brasil. "A falta de precipitações eleva a probabilidade de que as estimativas [da safra que começa a ser colhida em outubro] sejam otimistas demais", diz Allidina. As monções não têm trazido a umidade necessária ao campo indiano.
Até agora, porém, o Morgan Stanley mantém a projeção de que o país asiático produza 19,4 milhões de toneladas na nova temporada, 3,4 milhões mais que na estação atual. No auge, a colheita indiana chegou a 28 milhões de toneladas.
Todo esse cenário faz com que os preços do açúcar no mercado interno brasileiro permaneçam em elevação. Mírian Bacchi, pesquisadora do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da USP), comparou o preço atual da saca de 50 kg no interior paulista com as cotações médias das safras passadas, retirado o efeito da

inflação.
O indicador do açúcar cristal fechou ontem em R$ 42, R$ 10 mais que a média de toda a safra passada. Em relação à temporada anterior, o aumento é de R$ 13. "As projeções do mercado futuro de Nova York são favoráveis até meados de 2012", afirma Bacchi.

Com a Reuters e o "Financial Times"

Álcool está a salvo, dizem especialistas – Folha de São Paulo – Ciência – 04/08/2009

A valorização nos mercados mundiais fez com que o açúcar assumisse no primeiro semestre do ano um novo papel na pauta de exportações brasileiras. A receita chegou a US$ 3,19 bilhões, crescimento de 53%, o maior entre as principais commodities agrícolas comercializadas pelo país. Em julho, a alta do faturamento com as vendas externas de açúcar foi de 34,3% ante o mesmo mês de 2008. Em volume, a alta foi de 36,8%, para 10,4 milhões de toneladas de janeiro a junho. O país exporta praticamente 70% do que produz. Esse desempenho ameaça a produção de álcool? Antonio de Padua Rodrigues, diretor da Unica, diz que não é simples mudar a logística de distribuição de álcool para a de açúcar. Além disso, quase 40% das unidades do centro-sul produzem apenas etanol. Como o combustível vem de um período de preços achatados, as empresas não têm recursos para investir no redirecionamento para o açúcar.
A Unica prevê que 57,7% da safra atual de cana vire álcool (ante 60,5% na anterior). A participação do açúcar deve subir de 39,5% para 42,3%.
Para Mírian Bacchi, professora da USP e pesquisadora do Cepea, o setor está maduro para não comprometer o promissor mercado de biocombustíveis.

Carro a álcool segura consumo de combustíveis – Samantha Lima – Folha de São Paulo – Dinheiro – 11/08/2009

O consumo crescente de álcool ajudou a manter a venda de combustíveis no país no mesmo patamar pré-crise -51 milhões de metros cúbicos entre janeiro e junho, o mesmo registrado em igual período de 2008. Mais sensível ao ritmo dos setores produtivos da economia, a venda de óleo combustível e de diesel, porém, ainda está em declínio.

Segundo a ANP (Agência Nacional de Petróleo), embalada pela retomada da venda de veículos novos, a venda de álcool hidratado cresceu 26,5% nos seis primeiros meses do ano ante igual período de 2008.

O consumo de álcool nas bombas saltou de 6 milhões de metros cúbicos para 7,7 milhões de metros cúbicos, o que representa 63% do volume de gasolina consumido. A venda de gasolina se manteve estável (12 milhões de metros cúbicos).

A venda de diesel, que tem uso predominante no transporte rodoviário de cargas, caiu 4,8% e fechou em 20,7 milhões de metros cúbicos.

O consumo de óleo combustível, usado em larga escala pela indústria, encolheu 8,6%.

O número reflete o tombo do setor: na semana passada, o IBGE havia divulgado que a produção industrial caiu 13,4% no primeiro semestre, o pior resultado em 33 anos.

A ANP prefere comparar o consumo de combustíveis no primeiro semestre com 2007. Nessa comparação, a evolução no volume geral foi de 10%.

"O ano de 2008 foi muito atípico. Tivemos um crescimento forte no início do ano e, depois, uma forte queda. Comparar com 2007 elimina essas distorções", diz o diretor da agência Allan Kardec Duailibe.

O consumo de GNV (Gás Natural Veicular) encolheu 13,8% neste ano, resultado, de acordo com a ANP, da vantagem econômica do preço do álcool e do encarecimento do gás natural. Para os donos de carros que rodam com etanol, a melhor notícia é a queda no preço do combustível no período, de 5,95%, mesmo com o consumo maior.

Essa redução no preço resulta de um período de safra mais extenso. O menor volume de exportações, sobretudo para os Estados Unidos, mergulhados na crise financeira, aumentou a oferta no mercado brasileiro, ajudando também a derrubar os preços, diz a ANP.

O preço do óleo diesel recuou 5,12%, por atuação do governo federal como medida para atenuar os efeitos da crise econômica, em abril.

A ANP assinou ontem o Plano de Abastecimento do Diesel S-10. O combustível tem 80% menos enxofre do que o diesel S-50, que é fornecido hoje às frotas de São Paulo, Rio, Recife, Fortaleza e Belém, e 98% menos enxofre do que o diesel fornecido ao resto do país. O S-10 começa a ser vendido em janeiro de 2013.

Usinas em crise

A ANP afirmou que mantém um grupo em constante monitoramento da oferta de álcool, atento à situação financeira das usinas.

Segundo Duailibe, até o momento não houve necessidade de intervenção, mas, caso a crise provoque a quebra de alguma empresa a ponto de interferir na demanda, há um

"Não há risco de falta de etanol devido à crise financeira das usinas", disse Duailibe. O diretor não quis dar detalhes sobre o plano.

Mansur anuncia compra de usina em Ribeirão Preto – Roberto Madureira - Folha de São Paulo – Dinheiro – 07/08/2009

O empresário Ricardo Mansur anunciou ontem, após negociação rápida, a compra da Cerp (Central Energética Ribeirão Preto), que deve voltar a usar o antigo nome, Galo Bravo.
Seu primeiro grande investimento no setor sucroalcooleiro acontece cerca de dez anos depois das falências do banco Crefisul e das gigantes do varejo Mesbla e Mappin, que acarretaram a Mansur, nos anos seguintes, processos judiciais, dois meses de cadeia e o rótulo de mau administrador.
A negociação foi confirmada à **Folha** por Gilberto Mascioli, que foi nomeado o novo diretor de operações da usina. Mansur, que esteve em Ribeirão nos últimos dois dias, não quis falar.
"O que posso dizer é que Ricardo Mansur comprou a Galo Bravo e está muito feliz", disse Mascioli. Questionado sobre as aspirações de Mansur no setor do álcool e açúcar, o executivo disse: "Ele [Mansur] tem planos, sim. Quer comprar dez usinas nos próximos anos".

Açúcar ajuda a Cosan a obter lucro recorde de abril a junho – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Dinheiro – 15/08/2009

A conjugação de vários fatores levou a Cosan, uma das principais empresas no setor de açúcar e álcool do mundo, a obter resultados históricos no trimestre de abril a junho deste ano. O lucro líquido foi de R$ 337,3 milhões, valor nunca atingido antes em um trimestre pela empresa.
Um dos bons reforços de caixa da empresa veio do açúcar. Além da forte alta registrada pela commodity no mercado externo, a empresa teve forte elevação no volume comercializado.
Devido ao déficit mundial entre produção e demanda, agravado ainda mais pela saída da Índia do mercado exportador, o açúcar foi negociado com alta de 48% no período de abril a junho em relação a 2008. Nesse período, que a empresa considera como o primeiro trimestre do ano fiscal de 2010, o volume negociado atingiu 1 milhão de toneladas, 26% a mais do que no ano passado.
A pressão sobre os preços do açúcar deve continuar devido ao excesso de chuvas no Brasil, que dificultam a safra e provocam perda de produtividade. Já a Índia, outro importante participante mundial, vive forte seca.
As negociações da Cosan com álcool também tiveram grande evolução, passando de

período.
A empresa foi favorecida, ainda, pelo impacto cambial na dívida, que reverteu despesas financeiras, e pelo resultado positivo de operações de hedge cambial.
O braço de vendas de combustíveis no varejo da empresa registrou receitas operacionais líquidas de R$ 2,3 bilhões, contra R$ 2,4 bilhões do ano anterior.
A incorporação da Nova América e a entrada de recursos do BNDES elevaram a dívida financeira bruta para R$ 4,6 bilhões no final de junho, acima dos R$ 3,8 bilhões do final de março.

São Martinho no azul
A usina São Martinho também obteve lucro no primeiro trimestre do exercício 2009/10. Conforme dados divulgados ontem pela empresa, o lucro líquido foi de R$ 28,9 milhões no período de abril a junho, contra prejuízo de R$ 26,2 milhões no mesmo período de 2008.

Quem não paga, não sabe o custo – Sítio eletrônico do MST – 05/08/2009

Da Repórter Brasil

Numa época de discursos sobre a responsabilidade social empresarial, usineiros não apresentam publicamente justificativas concretas para a recusa em fornecer alimentação aos cortadores de cana. Com base na alegação de representantes do setor sucroalcooleiro de que o sistema para saciar a fome dos trabalhadores seria "muito caro e complexo", o item foi barrado no "Compromisso Nacional para Aperfeiçoar as Condições de Trabalho na Cana-de-Açúcar", lançado pelo governo federal em junho.

Nas últimas semanas, a reportagem esteve em dois importantes eventos sobre o setor em São Paulo, principal estado canavieiro do país. Em nenhum deles, a realidade de insegurança alimentar dos cortadores foi mencionada nos discursos oficiais das lideranças dos usineiros. O Ethanol Summit 2009, principal encontro internacional sobre o tema - promovido pelo setor empresarial -, ocorreu em junho na capital paulista. Já o 3º Seminário Científico Açúcar Ético, iniciativa da ONG francesa, se deu de 23 a 24 de julho.

No Ethanol Summit, após uma mesa sobre requalificação profissional - o tópico alimentação não foi abordado no evento -, o presidente da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), Marcos Jank, tentou explicar o veto à proposta. "O sistema de alimentação é muito caro e tem uma logística complicadíssima", disse à Repórter Brasil. O empresário negou que a recusa seja decorrente de um possível temor dos usineiros em relação à fiscalização da Vigilância Sanitária nas frentes de trabalho nos extensos canaviais.

Já o seminário da ONG Açúcar Ético tinha o objetivo de discutir "direitos sociais, ambientais e manejo responsável no setor sucroalcooleiro". Pelo lado das empresas, uma das palestrantes era Maria Luiza Barbosa, que responde desde 2001 pela

afirmou não ter conhecimento a respeito de nenhum estudo ou estimativa sobre o eventual impacto econômico que poderia ser causado pela garantia de alimentação. Sem conseguir detalhar os motivos da recusa, ela limitou-se a dizer que "a intenção da Unica é de que as condições (no corte da cana) sejam melhores".

Nos bastidores, porém, os usineiros enumeram uma série de empecilhos para tentar justificar o fato de não arcarem com o custo da comida. Os empresários citam a "logística da alimentação", que envolve a distância entre as várias frentes de trabalho, o custo do transporte (dos funcionários mobilizados e da manutenção dos equipamentos), além do preço médio da marmita (em torno de R$ 5). Há empresas que optam ainda pelo fornecimento de cestas básicas no lugar das refeições. Algumas usinas também distribuem um componente à base de glicose aos trabalhadores, numa controversa tentativa de amenizar a intensa fadiga a qual estão submetidos e, é claro, garantir a sua produtividade.

Incômodo

Criada em 1997, a Unica é a maior entidade do setor agroenergético do Brasil. Ao todo, são 119 companhias associadas, responsáveis por mais de 50% do etanol e 60% do açúcar produzidos no país. A entidade, que estabeleceu para si a estratégia de "tornar-se uma referência global de informações e análises críveis sobre o setor de cana-de-açúcar", não possui dados básicos sobre quantas usinas filiadas fornecem alimentação aos trabalhadores rurais. Segundo Maria Luiza Barbosa, a Unica está realizando um levantamento que compilará esses índices e será divulgado em até quatro meses.

O consultor José Darciso Rui, presidente do Grupo de Estudos em Recursos Humanos na Agroindústria (Gerhai), que reúne representantes de diversas usinas, entre elas o Grupo Cosan - maior conglomerado sucroalcooleiro do mundo -, também esteve no evento da ONG Açúcar Ético. A despeito de a cana estar entre os setores econômicos campeões de casos de escravidão no país, ele acredita que as condições de trabalho nas lavouras já estão "um passo à frente dos outros setores do agronegócio". "Somos um dos setores com mais benefícios aos trabalhadores", alega.

Cid Caldas, coordenador-geral de Açúcar e Álcool do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), fez a "recepção" dos participantes e atuou como moderador da mesa sobre responsabilidade social das empresas. Para o representante do governo no seminário, o maior desafio da cana atualmente diz respeito à estratégia de "comunicação", que precisaria ser "melhor plantada". "O setor não conseguiu passar para a comunidade o papel que ele desempenha. Ainda é visto como um setor atrasado", sustenta.

Ao ser questionado sobre qual seria a sua posição diante da justificativa dos usineiros, Cid Caldas demonstrou desconforto. "Não me cabe concordar ou discordar disso", disse. "(O protocolo) é o possível neste momento. É o primeiro passo. Novos pontos serão agregados". Ele afirmou ainda que a alimentação "pode ser um item para uma próxima rodada". Em seguida, preferiu relativizar a negativa das entidades patronais: "Qual é o setor agrícola que fornece alimentação?", indagou.

A reportagem entrou em contato com a assessoria da Unica, pedindo uma posição oficial da entidade sobre o tema - a organização participou como entidade patronal, juntamente com o Fórum Nacional Sucroenergético, desde o início do processo de elaboração do "Compromisso Nacional". Também foram solicitadas

informações sobre a existência ou não de algum projeto da entidade junto às suas usinas filiadas no sentido de garantir o fornecimento de alimentação aos cortadores de cana.

Diante das perguntas enviadas, a Unica preferiu emitir uma nota oficial, na qual defende os "avanços do processo negocial": "O Compromisso Nacional foi amplamente negociado de forma tripartite, sendo concluído com a decisão de valorizar uma série de boas práticas em uso do setor sucroenergético, muitas delas além do que determina a atual legislação. Quanto ao processo negocial, entendemos que devem ser valorizados os avanços".

O Brasil é o maior produtor mundial de açúcar e o segundo exportador de etanol. O setor sucroalcooleiro é o terceiro maior exportador do país, perdendo apenas para a soja e a carne. O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) continua sendo um dos principais financiadores do ramo no país. No ano passado, o banco público destinou R$ 6,5 bilhões para as usinas. Desde 2004, foram R$ 14 bilhões. Segundo o Gerhai, a indústria sucroalcooleira possui um faturamento de R$ 60 bilhões.

Negociação

O "Compromisso Nacional", lançado no dia 25 de junho, foi elaborado por representantes dos usineiros, trabalhadores e governo, sob coordenação da Secretaria-Geral da Presidência da República (SG/PR), do ministro Luiz Dulci. O principal avanço é o fim da intermediação de mão-de-obra para produção de cana ou etanol, numa tentativa de eliminar a figura do "gato", que faz o aliciamento para empreitadas no meio rural. O pacto obteve a adesão voluntária inicial de 309 das 413 usinas em atividade no país, que serão fiscalizadas por auditorias independentes. O acordo não tem poder de lei.

O protocolo foi resultado da "Mesa de Diálogo para Aperfeiçoar as Condições de Trabalho na Cana-de-Açúcar", instalada em julho de 2008 a pedido do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Foram nesses encontros que os usineiros não aceitaram incluir na pauta a garantia de fornecimento de alimentação aos cortadores de cana, inviabilizando o consenso em torno do tema. No ano anterior, em março de 2007 - no auge da euforia do etanol -, o presidente Lula havia dito que os usineiros brasileiros estavam virando "heróis mundiais".

Em discurso no dia do lançamento, em Brasília, Lula declarou que trabalhadores e usineiros antigamente eram "inimigos de classe" e que agora "compreendem que um precisa do outro para sobreviver". "Usineiro era tratado e vendido como se fosse, sabe, a coisa nefasta do setor empresarial brasileiro. Ora, se no passado, nós tivemos alguém no setor que criou essa imagem, a verdade é que o tempo se encarrega de fazer a mudança para todos os lados e eu, que jamais imaginei ser o garoto-propaganda do etanol no mundo, virei o garoto-propaganda do etanol no mundo", disse.

Uma comissão nacional tripartite - governo, empresas e trabalhadores - foi formada para implementar e acompanhar os resultados do "pacto". Pelo lado dos trabalhadores, participam a Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo (Feraesp) e a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag). As entidades também integraram a mesa de diálogo organizada pela Secretaria-Geral da Presidência.

Alimentação

No item referente à alimentação nas lavouras - ao todo são 18 pontos -, o "Compromisso Nacional para Aperfeiçoar as Condições de Trabalho na Cana-de-Açúcar" estabelece apenas duas recomendações às usinas. São elas: "fornecer

gratuitamente recipiente térmico - marmita - que garanta condições de higiene e manutenção de temperatura" e "assegurar, nas frentes de trabalho, mesas e bancos para a realização de refeições". A garantia de alimentação gratuita é uma reivindicação histórica dos trabalhadores rurais.

Elio Neves, presidente da Feraesp, critica a ausência de comida aos boias-frias. "Como conceber um setor produtivo que se diz capaz de abastecer os tanques dos automóveis do mundo inteiro e não abastece os estômagos dos empregados?", questiona. Ele reforça que, para ganhar o planeta, o etanol brasileiro precisa ter responsabilidade social. "A legislação trabalhista ainda não chegou ao campo", lamenta. Existem ao todo cerca de 500 mil trabalhadores no corte de cana-de-açúcar no país.

O ex-cortador José Maria de Lima, secretário de assalariados da Federação dos Trabalhadores Agrícolas do Estado de Goiás (Fetaeg), é ainda mais incisivo. Para ele, o acordo não traz avanços significativos para além do que a lei exige. Ele diz que a postura dos usineiros configura um "meio de discriminação". "Quando se trata de trabalhador da indústria e operador de máquina, eles fornecem alimentação. E os nossos rurais não", critica. "Enquanto a gente luta por alimentação, o governo está pedindo marmita vazia".

Goiás

Goiás é uma área de franca expansão das lavouras de cana-de-açúcar. Ao todo, são 31 usinas, sendo que 11 delas têm produção mista e 20 são produtores de álcool. O avanço do agronegócio ocorre em paralelo à precariedade das condições trabalhistas. O Estado ocupou a liderança no ranking de libertações em 2008, ano marcado pelo recorde de denúncias sobre o uso de mão-de-obra escrava no país. Ao todo, 867 pessoas foram libertadas em Goiás. O Pará veio logo a seguir (811) e, em terceiro, Alagoas (656).

Ao lado de Pernambuco, Goiás é um dos únicos estados onde a convenção coletiva atinge 100% da produção de cana. Outros estados têm acordos individuais entre sindicatos e empresas, o que pode enfraquecer o poder de negociação dos trabalhadores. Mesmo com a capacidade de mobilização, os cortadores ainda não incluíram o item alimentação na negociação coletiva. "Há cinco anos estamos tentando alimentação gratuita e de boa qualidade e não conseguimos", diz José Maria. "Está faltando mais união do lado dos trabalhadores para que todos os estados falassem a mesma língua".

Em Goiás, o dirigente sindical explica que os usineiros migraram da justificativa "logística" para a "financeira". "Há dois anos, quando eles falaram que não tinham como fazer a entrega da alimentação na hora certa, eu me ofereci a trabalhar em qualquer uma dessas usinas para fazer um projeto para experimentar. E garanti que essa comida chegaria no horário certo para todo mundo. Aí eles não tiveram mais argumento", conta. "Eles alegam agora que o problema é financeiro mesmo, que é custo. Mesmo oferecendo para o trabalhador pagar um pouco, eles não aceitam".

Apenas duas usinas em Goiás fornecem marmita aos cortadores de cana a R$ 1 real por refeição - há outras que dão comida apenas para o trabalhador migrante. A Energética Serranópolis, que fica no município de mesmo nome no sul de Goiás, é uma delas. A usina oferece aos seus 600 cortadores de cana café da manhã, almoço, jantar e, caso seja necessário, ceia da tarde. O sistema de alimentação funciona desde 2005, quando ela começou a operar. A Serranópolis é considerada uma usina de médio porte: a previsão para essa safra é de moagem de 850 mil toneladas de cana.

A empresa transferiu toda a "logística" da alimentação, incluindo o sistema de transporte, para uma empresa terceirizada. A usina opera com duas a três frentes de trabalho por dia, num raio médio de 35 km - dois veículos percorrem diariamente o trajeto para levar as refeições. A empresa fecha contratos anuais ao custo de R$ 1,6 milhão - 80% desse valor é pago pelos donos e 20% é dividido entre os funcionários. O valor médio desembolsado por cada cortador de cana gira em torno de R$ 0,88 centavos por cada refeição.

André Luís de Moura, gerente de Recursos Humanos da Energética Serranópolis, afirma que a iniciativa não comprometeu os rendimentos da empresa. "Você às vezes tem que abrir mão da parcela do seu lucro para se manter. Não adianta ter um quadro todo insatisfeito", constata. "Fomos elogiados por ser uma das poucas empresas que fornecem alimentação no campo. Eles (auditores fiscais do trabalho), quando aparecem aqui, até acham estranho porque as demais não conseguem fazer isso", conta o gerente.

Na prática, a usina observou que, caso não adotasse essa medida, a crescente rotatividade da mão-de-obra poderia inviabilizar a sua produção. Localizada num município com cerca de seis mil habitantes, 80% dos seus empregados chegam de outros estados como Pernambuco, Bahia, Piauí, Paraíba e Maranhão. "Não adianta nada trazer pessoas para cá e elas precisarem consumir 50% do salário em gêneros alimentícios", reconhece André Luís.

A outra empresa que fornece alimentação a um preço simbólico de R$ 1 real em Goiás é a usina da Brenco - Companhia Brasileira de Energia Renovável localizada em Mineiros (GO), a 450 km de Goiânia. A usina mantém um restaurante próprio no local. No entanto, a unidade tem um histórico de problemas trabalhistas: a companhia chegou a contratar formalmente o "gato" João Pereira da Silva, vulgo "João Paracatu", em janeiro do ano passado, com a finalidade de "assessoria no recrutamento de 240 trabalhadores rurais" até fazendas na região de Mineiros (GO), para o plantio de cana. Parte do grupo de aliciados (17) por "João Paracatu" para a Brenco foi encontrado em condições análogas à escravidão em Campo Alegre de Goiás (GO).

Escravidão

Nos últimos anos, o setor sucroalcooleiro vem despontando no ranking de libertações de trabalhadores escravizados no país. Segundo dados da Comissão Pastoral da Terra (CPT), 2.553 trabalhadores deixaram a condição análoga à escravidão nas lavouras de cana-de-açúcar em 2008. O índice representa 49% do total de 5.244 trabalhadores encontrados nessas condições no ano passado, acima dos 1.026 (20%) libertados na atividade pecuária.

Além da escravidão contemporânea, as infrações encontradas pelos auditores do trabalho no setor sucroalcooleiro dizem respeito a problemas como a falta de instalações sanitárias adequadas e água potável, jornada excessiva, ausência de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e outros tipos de irregularidades na gestão de saúde e segurança.

Um amplo panorama sobre os impactos sociais e ambientais da expansão da cana-de-açúcar no país pode ser conferido no relatório sobre a cana do Centro de Monitoramento de Agrocombustíveis (CMA) da Repórter Brasil.

Falta de chuva na Índia faz preço do açúcar disparar - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – agronegócios – 07/08/2009

Os preços futuros do açúcar continuam firmes no mercado internacional, impulsionados pela falta de chuvas na Índia, segundo maior produtor global, e muita chuva no Brasil, o maior produtor e exportador mundial. Ontem, as cotações da commodity atingiram a maior alta dos últimos 28 anos na bolsa de Nova York, para os contratos de outubro, negociados a 19,83 centavos de dólar por libra-peso. Os de janeiro subiram 43 pontos, para 20,60 centavos de dólar por libra-peso. O último pico de preço, de 19,73 centavos, foi alcançado em fevereiro de 2006.

"Com o clima adverso na Índia, o país já cogita importar entre 5 milhões e 8 milhões de toneladas", afirmou ao Valor Márcio Bernado, operador da Newedge, corretora de commodities com sede em Nova York. "A falta de chuvas nas lavouras da Índia e o atraso da colheita de cana aqui no Centro-Sul do Brasil devem sustentar as cotações do açúcar no mercado internacional."

Na bolsa de Londres, os contratos de açúcar branco para dezembro encerraram a US$ 530,10 a tonelada, aumento de US$ 9,30.



A expectativa de queda na produção da Índia, que também é o maior consumidor mundial, tem gerado especulações de que o déficit global para 2009/10 também poderá ser ampliado.

O México e o Egito, que estão entre os maiores consumidores mundiais de açúcar, anunciaram que entraram no mercado para comprar o produto em grandes

quantidades para garantir a oferta. A notícia também ajudou a sustentar as cotações. O governo mexicano autorizou a importação de 400 mil toneladas de açúcar por meio de cotas.

A demanda por açúcar também é forte por parte das indústrias. "Os grandes consumidores, como as indústrias de bebidas e alimentos, provavelmente não se abasteceram o suficiente nos últimos seis meses", afirmou Nick Hungate, trader do Rabobank, em Londres.

Com as recentes altas dos últimos dias, analistas do segmento acreditam que os preços da commodity poderão recuar no mercado, como "correção técnica". O avanço da colheita da cana no Centro-Sul, caso as chuvas parem, também pode pressionar as cotações. (Com Financial Times)

Usina fixa 65% do açúcar para exportação - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios – 11/08/2209

As usinas sucroalcooleiras do Centro-Sul fixaram até a primeira semana de agosto os preços de cerca de 65% dos volumes de açúcar destinados ao mercado externo. No mesmo período do ano passado, menos de 30% do produto voltado para exportação tinha sido fixado. A recuperação dos preços da commodity no mercado internacional tem estimulado as operações de hedge (proteção), disse Arnaldo Corrêa, presidente da Archer Consulting, empresa especializada em gestão de risco.

Tradicionalmente nesta época do ano, as fixações de preços ficam abaixo de 50% do total negociado no mercado externo. As exportações brasileiras do produto estão estimadas para esta safra 2009/10 em cerca de 24,5 milhões de toneladas, de acordo com a consultoria Datagro. A forte oscilação dos preços, sobretudo nos últimos dois anos, levou parte das usinas a acelerar as operações de hedge. Desde o início desta safra até a semana passada, os preços médios foram fixados em 15 centavos de dólar por libra-peso.

Esse tipo de operação de proteção permite que os produtores de açúcar garantam uma remuneração mínima com base nos custos de sua produção. Mas como os preços da commodity continuam subindo no mercado internacional, há analistas que já temem um default por parte das usinas que fixaram suas vendas muito abaixo das cotações atuais.

Ontem, os preços do açúcar voltaram a registrar forte alta no mercado internacional, atingindo o maior patamar dos últimos 28 anos e meio, segundo Rodrigo Costa, da Newedge, corretora com sede em Nova York. Na bolsa de Nova York, os contratos para janeiro encerraram a 22,50 centavos de dólar por libra-peso, aumento de 97 pontos. No ano, a valorização chega a 83%. Na bolsa de Londres, os contratos para dezembro encerraram a US$ 573,30 a tonelada, elevação de US$ 23,90. Os contratos de outubro fecharam a US$ 557,40 a tonelada, mas durante o dia chegaram a bater US$

561,90, recorde histórico na bolsa inglesa. No acumulado do ano, o açúcar refinado registra alta de 74,2%.

A forte escalada dos preços do açúcar tem respaldo na perspectiva de déficit global pelo segundo ano consecutivo. Além da produção menor da Índia por falta de chuvas - o país é o segundo maior produtor global, mas que se tornou importador -, outros produtores, como México, Rússia, Paquistão, China e Austrália, também registram menor oferta e parte deles deve elevar a importação de açúcar, afirmou Plínio Nastari, presidente da Datagro.

Na semana passada, o México anunciou a importação de até 400 mil toneladas de açúcar por meio de cotas. Os EUA também podem fazer o mesmo. Ontem foi a vez do Egito anunciar que vai isentar de taxas as importações de açúcar bruto e refinado a partir de 15 de agosto até o fim de dezembro, informou o Ministério das Finanças daquele país à Reuters. O déficit global de açúcar é calculado em cerca de 5 milhões de toneladas.

A expectativa é de que os preços continuem em alta no curto prazo. "O mercado apostava que se os preços subissem mais, os países produtores poderiam vender açúcar. No entanto, os preços continuaram em alta , mas o produto não foi colocado à disposição do mercado", observou Nastari.

Na semana passada, o açúcar no mercado paulista remunerava 73% mais que o álcool hidratado e 60% mais que o anidro, segundo levantamento semanal do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea). Ontem, a saca de 50 quilos fechou a R$ 42,63, de acordo com o índice Cepea/Esalq.

Maior produtor e exportador mundial, o Brasil deverá produzir um volume recorde de açúcar nesta safra. Mesmo assim, a maior oferta não trará alívio ao mercado. As chuvas sobre as regiões produtoras de cana durante este inverno estão afetando a qualidade da cana. "Com as chuvas fora de época, a cana voltou a brotar novamente", disse Nastari. A expectativa inicial era de que a produção de açúcar atingisse no Brasil 35,9 milhões de toneladas. Agora, a oferta no país deverá recuar para 35,1 milhões.

Baixas cotações do álcool estimulam consumo em 22 Estados, mostra ANP – Monica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios – 11/08/2209

Levantamento semanal da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) mostra que abastecer com álcool está mais vantajoso que a gasolina em 22 Estados do país. A competitividade do etanol é válida quando seus preços equivalem a até 70% do da gasolina.

Analistas ouvidos pelo Valor acreditam que os preços do álcool combustível deverão subir nas próximas semanas, estimulados pela alta do açúcar. Na sexta-feira, o litro do álcool anidro encerrou a R$ 0,8094 (sem impostos), com ligeiro recuo de 0,09%. O hidratado fechou a R$ 0,7104 (sem impostos), com baixa de 1,85%, segundo o índice Cepea/Esalq.

Apesar dos baixos preços no mercado interno, a demanda pelo combustível

segundo levantamento da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). Em julho, as vendas alcançaram 243.406 unidades, aumento de 2% sobre julho de 2008. No primeiro semestre, a comercialização dos veículos flexfuel foram de 1,474 milhão de unidades, alta de 4% sobre os primeiros sete meses de 2008.

A produção de álcool no país está estimada em 26,75 bilhões de litros na safra 2009/10, segundo a consultoria Datagro. A estimativa anterior da consultoria era de 27,7 bilhões de litros. A queda reflete a menor produtividade nos canaviais por conta das chuvas. As exportações também foram revistas para baixo, de 4,05 bilhões para 3,15 bilhões de litros. Os estoques de passagem para a próxima safra estão estimados em 1,65 bilhão de litros, volume suficiente para garantir abastecimento no país por quase um mês. A Datagro poderá reduzir novamente suas estimativas, dependendo do clima.

A Unica (União da Indústria da Cana-de-açúcar) não deverá rever, por enquanto, os volumes de produção no país. Segundo Antonio de Padua Rodrigues, diretor-técnico da Unica, a chuva deu uma trégua nesta primeira quinzena de agosto, o que deverá elevar o volume de moagem no período. (MS)

Com chuva no Brasil e seca na Índia, açúcar não para de subir – Monica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios – 13/08/2009

Os preços futuros do açúcar voltaram a fechar com forte alta ontem, mantendo o maior patamar dos últimos 28 anos, impulsionados por compras de fundos no mercado, afirmou Michael McDougall, diretor da Newedge, corretora com sede em Nova York. Os contratos para janeiro encerraram o dia a 23,47 centavos de dólar por libra-peso, na bolsa de Nova York, com aumento de 105 pontos.

Os fundamentos para a commodity não mudaram, segundo McDougall. As poucas chuvas na Índia continuam dando suporte às cotações do produto, uma vez que a produção de cana poderá recuar na próxima safra, que terá início em outubro. No Brasil, o clima chuvoso durante o inverno prejudicou o ritmo de moagem de cana no Centro-Sul do país nesta safra 2009/10.

Na segunda quinzena de julho, a moagem de cana ficou em 35,9 milhões de toneladas no Centro-Sul do país, recuo de 6% sobre o mesmo período do ciclo 2008/09. No acumulado da safra, a moagem totalizou 246,66 milhões de toneladas, com aumento de 14,96% sobre igual período do ano anterior, segundo levantamento realizado pela Unica (União da Indústria da Cana-de-açúcar). O total esmagado nesta safra corresponde a 45% da moagem de cana prevista pela Unica.

Do total processado no acumulado da safra, 42,69% foram direcionados para a produção de açúcar (12,79 milhões de toneladas). As exportações de açúcar em julho ficaram em 2,36 milhões de toneladas, 16,6% superior a julho de 2008.

A produção acumulada de etanol na safra ficou em 10,56 bilhões de litros. Em julho, as usinas comercializaram 2,07 bilhões de litros de álcool, dos quais 1,55 bilhão foi do tipo hidratado. Os embarques ficaram em 403 milhões de litros, recuo de 38,7%

Das 23 novas unidades previstas para essa safra, 10 já iniciaram os trabalhos. As demais continuam com previsão de inicio de moagem ainda nessa safra.

Processamento de cana da Cosan será recorde – Valor Econômico – Agronegócio – 17/08/2009

O grupo Cosan, maior companhia global de açúcar e álcool, deverá bater novo recorde de processamento de cana nesta safra 2009/10, com a moagem de 56 milhões de toneladas, volume 27% maior que o ciclo anterior. Com a incorporação da Nova América, concluída em junho, o grupo passa a contar com 23 unidades produtoras em operação neste safra, com uma capacidade total de moagem de 60 milhões de toneladas de cana.

A companhia deverá produzir 4,2 milhões de toneldas de açúcar, aumento de 29% sobre o ciclo anterior, e 2,1 bilhões de litros de álcool, aumento de 24%, informou Pedro Mizutani, vice-presidente geral do grupo. A companhia também deverá dar prosseguimento aos pesados investimentos em cogeração de energia. A expectativa é de que os aportes fiquem em R$ 1,4 bilhão neste atual safra.

Do total de açúcar que será produzido, cerca de 80% serão voltados para o mercado externo. A companhia já fixou antecipadamente cerca de 50% dos preços do produto destinado ao mercado externo. Para o álcool, cerca de 20% do total produzido será exportado.

Na sexta-feira, o grupo informou que alcançou o melhor resultado operacional de sua história no primeiro trimestre da safra 2009/10. A receita líquida do grupo subiu 457%, para R$ 3,6 bilhões no primeiro trimestre, na comparação com o mesmo período do ano passado. A Cosan Combustíveis e Lubrificantes respondeu por 68,5% do faturamento (R$ 2,4 bilhões). A empresa encerrou com lucro líquido recorde, de R$ 337,3 milhões, ante um prejuízo líquido de R$ 58,1 milhões no mesmo período do ano passado.

A variação cambial sobre o endividamento da companhia teve um impacto relevante na obtenção do lucro. Além disso, o bom desempenho na divisão de distribuição de combustíveis no período e a forte valorização do açúcar no mercado internacional ajudaram a sustentar os bons resultados da companhia no período.

Marcelo Martins, vice-presidente de relações com os investidores do grupo, observou que a divisão de distribuição de combustíveis gerou Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização), de R$ 92,4 milhões, com margem de 3,8%.

A comercialização de álcool representou 13,45% da receita total da companhia, e a de açúcar outros 18,26%. A receita com as vendas de açúcar no período cresceu 84,7%, para R$ 352,4 mihões neste primeiro trimestre. Os volumes negociados no período foram de 988,5 mil toneladas, aumento de 24,8%. Com a aquisição da Nova América, o grupo Cosan passou a ter um mix de produção mais açucareiro.

Considerado o maior consolidador do setor, o grupo continua atento às oportunidades do mercado. Mas ainda considera que os ativos disponíveis estão caros.

Perdas com derivativos nas usinas atingem até R$ 4 bi – Sítio Eletrônico da CNA – 28/08/2009

As usinas de açúcar e álcool perderam cerca de R$ 4 bilhões em operações com derivativos de câmbio durante a safra 2008/09, segundo estimativas de empresas, bancos e consultorias financeiras que atuam neste setor ouvidas pelo Valor. Em situação financeira delicada, agravada a partir da safra 2007/08, quando as cotações da commodity estavam em baixa, essas perdas enfraqueceram ainda mais boa parte das companhias que tinha grande endividamento em dólar e alavancagem em relação à geração de caixa operacional por conta da construção de novas usinas, os projetos greenfield.

Os resultados negativos de boa parte dessas empresas têm contribuído para aprofundar o processo de consolidação no setor sucroalcooleiro, já em curso nos últimos anos. Grandes grupos considerados consolidadores, como Santelisa Vale e Moema, foram colocados à venda. Dezenas de projetos de expansão de novas unidades também foram interrompidos.

Os maiores bancos do país, que tiveram um papel importante no financiamento de projetos de expansão do setor, tornaram-se os maiores credores das usinas, entre eles os Bradesco, Itaú/Unibanco, Santander e Votorantim, além do BNDES, que se tornou sócio de alguns grupos no país.

O Valor apurou que muitas das perdas das usinas foram contábeis, mas causaram impacto no caixa, pois a piora nos índices de endividamento levou as companhias a quebrar cláusulas financeiras restritivas (covenants) nos contratos de empréstimos com os credores, que puderam assim pedir resgate antecipado da dívida ou conseguiram negociar condições mais favoráveis de pagamento.

A quebra de covenants - que limitam o endividamento da empresa com relação a uma série de indicadores e protegem os credores - é considerada semelhante à inadimplência e as empresas têm de negociar um perdão (waiver) se não tiverem como pagar toda a dívida à vista. Esse foi o caso da Nova América, dona da marca União, que foi incorporada este ano pela Cosan. Em agosto de 2008, os credores do grupo pediram o pagamento antecipado de uma dívida de US$ 300 milhões, relativa à emissão de debêntures, com pagamento previsto para 2013.

A boa notícia em meio ao cenário nebuloso no setor é que as perdas contábeis do fim do ano passado foram revertidas ao menos parcialmente no início deste ano com a

queda no dólar, que voltou para níveis em torno de R$ 1,80 a R$ 1,85 na comparação com os mais de R$ 2,50 que chegou a atingir. No bolo de R$ 4 bilhões estão incluídos os desembolsos de caixa extra que as empresas tiveram de fazer com derivativos que venceram e depósitos de margem. Foram considerados não apenas as transações alavancadas, mas também as posições vendidas casadas com exportação, o chamado hedge, além dos empréstimos com duplo indexador, que embutiam derivativos.

Com cerca de 400 usinas em todo país, o setor sucroalcooleiro faturou aproximadamente R$ 40 bilhões na safra 2008/09, dos quais cerca de US$ 7,5 bilhões são provenientes das exportações de açúcar e álcool, segundo a Unica (Unica da Indústria da Cana-de-açúcar).

Os derivativos tornaram-se um tabu para muitas empresas, que viram seu patrimônio ruir durante a crise. No setor sucroalcooleiro, o caso mais emblemático foi da Santelisa Vale, que teve perdas de quase R$ 380 milhões com empréstimo com duplo indexador, no qual a empresa pagava juros em reais ou a variação do câmbio, o que fosse maior. As empresas tomaram esses empréstimos quando o dólar não parava de cair, em 2007 e no início de 2008, pois conseguiam com eles pagar juros abaixo do mercado em reais. Mas estavam assumindo o risco cambial com derivativos. À época, a companhia negou este tipo de operação, mas fontes da empresa ouvidas pelo Valor afirmam que esse tipo de operação agravou ainda mais a situação financeira da companhia. Procurada, a empresa não comentou o assunto.

Resultado da união entre a Santa Elisa, de Sertãozinho (SP), e Vale do Rosário, de Morro Agudo (SP), e outras cinco usinas, o grupo contraiu dívidas de R$ 1,2 bilhão durante o processo de fusão. Metade dessa dívida foi liquidada e a outra parte, R$ 600 milhões, tinha duplo indexador. Por causa do empréstimo, a empresa estava com posições vendidas em reais quando o dólar explodiu, passando de R$ 1,559 em 1º de agosto de 2008 para R$ 2,536 no dia 4 de dezembro, aumento de 63%. Atualmente, a Santelisa, o segundo maior grupo do país e dívidas de quase R$ 3 bilhões, está em processo de incorporação pela francesa Louis Dreyfus.

Apesar de registrarem prejuízos menores, mas nem por isso desprezível, outras companhias também tiveram perdas com este tipo de operação. Bancos ouvidos pelo Valor afirmaram que os grupos Cerradinho, Copersucar, Moema, Itamarati e Nova América também foram afetados.

No balanço da Copersucar, finalizado em 31 de março de 2009, aparecem perdas totais de R$ 29,752 milhões com contratos de dólar a termo sem entrega física, o chamado non deliverable forward. A empresa diz que esses contratos serviam como hedge e nega qualquer alavancagem. A contratação de um derivativo deve ter como

contraparte um ativo ou um passivo exposto, reconhecido ou não, e que pode afetar as sobras e perdas da cooperativa.. (...), informa a Copersucar em seu balanço. Ainda segundo o relatório, a empresa não tinha posições em derivativos exóticos. A companhia alega que as suas perdas com os derivativos foram compensadas com ganhos na outra ponta. A Copersucar teve perdas de US$ 1,7 bilhão com empréstimos e financiamentos no mesmo período, de acordo com seu balanço.

No caso da açúcar Guarani, controlada pelo grupo Tereos, os prejuízos com contratos a termo e swaps chegaram a R$ 52,265 milhões em 31 de dezembro no balanço do ano passado. A empresa tinha também empréstimo com duplo indexador de US$ 222,538 milhões em 30 de setembro do ano passado, quando a crise estourou, segundo seu balanço. Eram Notas de Crédito à Exportação (NCE) e Resolução 2770, modalidade de empréstimo indexado à variação cambial com recursos captados no exterior. Procurada, a empresa reconhece as perdas, mas informou que não gera efeito caixa.

O grupo paulista São Martinho, que exporta cerca de US$ 200 milhões por ano, confirma que teve perdas de R$ 16 milhões com contratos a termo de moeda no fim do ano passado, que eram, segundo a empresa, usados como proteção para exportações, na comparação com ganhos de R$ 9,5 milhões com opções de preço do açúcar. As perdas, segundo o grupo, foram compensadas com ganhos nas importações.

Procurada, a Cerradinho confirmou que teve perdas com derivativos, mas a maior parte contábil, e informou que o impacto no caixa foi pequeno, sem revelar números. A Moema também não apresentou números, mas informou que suas perdas com derivativos foram irrisórias. Também procurada, a usina Itamarati não se pronunciou. A Nova América informou que não registrou perdas com derivativos.

* Autores: Mônica Scaramuzzo e Cristiane Perini Lucchesi. Noticia publicada no Jornal Valor Econômico desta Sexta-Feira - 28/08/2009.

Argentino investe em energia no Brasil – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 26/08/2009

O grupo Pescarmona, a terceira maior multinacional da Argentina, elegeu o Brasil como sua prioridade. "Nesse momento, o mercado mais dinâmico para nós é o Brasil", afirma, sem esconder seu entusiasmo, o controlador do grupo, Enrique Pescarmona.

Por meio da principal empresa do holding, a Impsa, de mais de 100 anos de existência, Pescarmona está investindo firme no País, que considera um exemplo para a região. "O Brasil é o exemplo a seguir, já que encontrou seu caminho há bastante tempo. Temos muito o que aprender do Brasil. Tenho muita confiança nesse país", afirmou o empresário após a inauguração, na semana passada, de um parque de energia eólica (gerada pelo vento) no Ceará, cujos equipamentos são fabricados por uma fábrica da Impsa em Pernambuco.

O parque eólico no Ceará, a 80 quilômetros de Fortaleza, em Praia do Parajuru, no município de Beberibe, conta com 19 aerogeradores, que fornecerão, no total, 28,8 megawatts (MW) de energia. A capacidade do parque permitirá o abastecimento de energia elétrica de 50 mil residências.

O empreendimento, uma parceria entre a Impsa, com 51%, e a Cemig, recebeu investimentos de US$ 260 milhões. Nos arredores de Fortaleza também serão instalados outros dois parques, na Praia do Morgado e na Volta do Rio. Os três parques, contarão, no total, com capacidade de geração de 99,6 MW.

Em Santa Catarina, a Impsa está implementando outro empreendimento: um parque eólico que implicará em investimentos de US$ 260 milhões até o final deste ano. O novo parque deve iniciar seu funcionamento em 2010. Esse parque e outros que a Impsa prevê em Santa Catarina devem significar, no longo prazo, um investimento de US$ 620 milhões.

SEGUNDO PLANO

Na verdade, a Argentina, sede do grupo, ficou em segundo plano nos projetos de expansão do grupo. Por trás da decisão está a caótica política energética do governo da presidente Cristina Kirchner. Além disso, o setor está paralisado na Argentina, país que não constrói uma hidrelétrica de peso há uma década (e onde a exploração de gás está encolhendo).

Enrique Pescarmona já declarou à imprensa que os mercados mais dinâmicos são o Brasil, Venezuela, Malásia, Vietnã e Colômbia. Mas também indica que seu próprio país ainda tem seu espaço: "Também nos importam a Argentina e o Chile." A Impsa, com filiais em dez países, possui US$ 300 milhões em ativos no exterior, de um total de US$ 919 milhões de patrimônio geral, segundo um estudo que a Prospera (a agência argentina de desenvolvimento de investimentos) e o Centro Vale de Columbia, EUA, elaboraram sobre as multinacionais argentinas.

Os empresários argentinos costumam destacar que o Brasil é um país que está avançado na regulação do setor energético, na participação moderada do Estado na economia e nas possibilidades de financiamento. Na contramão, eles costumam reclamar que, em seu país, o Estado (especialmente desde que o casal Cristina e Néstor Kirchner chegou ao poder) interfere constantemente na economia e muda com frequência as regras do jogo.

PETROBRAS NEGOCIA COM USINA BRENCO – Folha de São Paulo – Dinheiro – 25/08/2009

A Petrobras afirmou ontem que conversa com a Brenco, empresa criada em 2007, para "identificar possíveis sinergias na área de produção de biocombustíveis". As negociações não têm prazo para terminar. Até 2015, a Brenco pretende direcionar R$ 5,5 bilhões para a implantação de dez unidades com capacidade conjunta de produção de 1 bilhão de galões de etanol por ano.

Caramuru vai investir R$ 104 milhões em projetos de biodiesel e óleo de soja - Patrick Cruz – Valor Econômico – Agronegócios – 19/08/2009

Nos próximos dois anos, a Caramuru vai investir mais de R$ 100 milhões para aumento de sua capacidade de processamento de grãos, em iniciativa que ampliará especialmente sua presença no mercado de biodiesel. O programa de desembolsos foi anunciado formalmente ontem com o governo de Goiás, Estado que concentrará todas essas frentes de trabalho, mas alguns dos projetos já estão em fase de andamento inicial.

No total, os aportes somarão R$ 104,75 milhões. Um montante de R$ 54 milhões será destinado à construção de uma planta de biodiesel no município de Ipameri, distante 200 quilômetros de Goiânia. A unidade terá capacidade de produção de 110 milhões de litros anuais de biodiesel e de 11 mil toneladas de glicerina. O cronograma inicial previa conclusão das obras em um ano, mas já existe a expectativa de término em dez meses, segundo o vice-presidente da Caramuru, César Borges.

Ipameri será, com isso, o quarto município com unidades industriais da companhia. Em Itumbiara (GO), a empresa atua no processamento de soja e milho, com extração e refino de óleos desses grãos e também de girassol e canola. Na também goiana São Simão a companhia processa soja e produz biodiesel e, em Apucarana (PR), as atividades são de processamento de milho e gérmen de milho.

O pacote de investimento incluirá um desembolso de R$ 30 milhões para aumento de capacidade de produção de biodiesel e também no processamento de soja em São Simão. A capacidade atual de fabricação de biodiesel da Caramuru no município é de 110 milhões de litros - o número será elevado para 187 milhões. A capacidade de processamento de soja em São Simão, por sua vez, crescerá 40% nos próximos dois anos, de acordo com o cronograma apresentado ontem, passando de 495 mil para 693 mil toneladas por ano.

Com os investimentos, a companhia aumentará em 170% sua capacidade de produção de biodiesel, que antes concentrava-se exclusivamente na planta de São Simão. De acordo com os dados compilados pela Agência Nacional do Petróleo, Gás

milhões de litros em 2008, praticamente o total da capacidade então disponível. No primeiro semestre deste ano, a produção de biodiesel da Caramuru somou mais de 56 milhões de litros, volume 11% superior ao do mesmo período de 2008.

"O mercado de biodiesel está com boas perspectivas no momento", afirma César Borges. A mistura obrigatória de biodiesel ao diesel mineral, passou de 3% para 4% em julho e, segundo o cronograma estipulado pelo governo, passará a 5% em 2010.

Os investimentos da Caramuru incluirão ainda o complexo de Itumbiara. Serão três as frentes de trabalho no município, ao qual serão destinados, ao longo de dois anos, R$ 20,75 milhões. A companhia vai implantar na cidade uma unidade de produção de bebidas à base de soja, que terá capacidade de 37,8 milhões de litros anuais. Também será instalada uma planta para fabricação de embalagens pré-forma, além de ampliada em 22,5%, para 262,8 mil toneladas anuais, a capacidade da planta de produção de derivados de milho.

Usina do PR negocia aquisições - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios – 19/08/2009

O grupo Santa Terezinha, com sede em Maringá (PR), está prestes a concluir a compra de duas usinas de açúcar e álcool no Paraná, apurou o Valor. Maior companhia sucroalcooleira do Estado e a quarta no ranking do país, o grupo processa cerca de 15 milhões de toneladas de cana - quase um terço de toda a produção da matéria-prima do Estado.

Os alvos do grupo paranaense são as usinas Coocarol, localizada em Rondon, e a Usaciga, instalada na Cidade Gaúcha, ambas no noroeste do Estado.



Expansão dos negócios
Perfil da Santa Terezinha

- **Sede**
  Maringá (PR)
- **Moagem de cana**
  15 milhões de toneladas
- **Unidades produtoras**
  6
- **Participações acionárias**
  Terminal de açúcar - Pasa
  Terminal de álcool - Álcool do Paraná Portuário SA
  CPA Trading
- **Produção**
  Açúcar, álcool e energia
- **Faturamento**
  cerca de R$ 1 bilhão
- **Controladores**
  Família Meneguetti

Fonte: empresa

As negociações estão mais avançadas com a Coocarol (Cooperativa Agro Industrial dos Produtores de Cana de Rondon), que processa cerca de 1,8 milhão de toneladas de cana. Esta unidade foi arrendada no ano passado pela companhia, que optou agora pela compra. A aquisição da Usaciga, com capacidade de moagem para 2,3 milhões de toneladas, está adiantada, mas ainda depende de entendimentos com os acionistas da usina.

A Usaciga é controlada pela CEB (Clean Energy Brazil), empresa de investimentos que possui participação de 49% na usina. Os 51% pertencem à família fundadora da empresa. A Santa Terezinha aguarda a renegociação das dívidas desta usina com os bancos credores para concluir a aquisição, afirmou uma fonte familiarizada com a negociação.

A CEB, criada em dezembro de 2006, comprou nos últimos anos participações em usinas de médio porte no país, mas em 2008 foi abatida pela crise financeira global e está em processo de reestruturação. Procurada, a CEB não comenta o assunto. A

comunicada à Bolsa de Valores de Londres (Alternative Investment Market), onde a empresa está listada.

À época da aquisição, a CEB desembolsou US$ 127 milhões pela fatia de 49% da Usaciga. O escritório Leoni Siqueira Advogados está assessorando o grupo paranaense. Procuradas, a empresa e o escritório não comentam o assunto.

A região noroeste do Estado, onde estão localizadas as duas usinas em negociação pelo grupo paranaense, é considerada estratégica para a expansão da Santa Terezinha, afirmaram fontes do setor. Fontes ouvidas pelo Valor afirmam que a Santa Terezinha tem focado sua expansão na região noroeste do Estado, que é favorecida geograficamente pela malha ferroviária da ALL (América Latina Logística).

Com faturamento de cerca de R$ 1 bilhão, a companhia, controlada pela família Meneguetti, é a maior consolidadora do Estado. Com seis usinas em operação, a Santa Terezinha também possui participação majoritária em dois terminais portuários - um de açúcar, a Pasa (Paraná Operações Portuárias), e de álcool, o Álcool do Paraná Terminal Portuário SA, além de ser acionista de uma das maiores tradings nacionais, a CPA Trading.

O Paraná deverá processar nesta safra 2009/10 cerca de 48 milhões de toneladas de cana, de acordo com estimativas preliminares da Associação dos Produtores de Açúcar e Álcool do Estado (Alcopar). O Paraná já foi o segundo maior produtor de cana do país, mas foi ultrapassado por Minas Gerais.

GP Investimentos volta a avaliar ativos em açúcar e álcool no país - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios – 21/08/2009

A GP Investimentos avalia, novamente, fazer aportes no setor sucroalcooleiro. A gestora de recursos uniu-se outra vez ao grupo São Martinho, de Pradópolis (SP), para a eventual compra de ativos nesse segmento.

As duas empresas já tinham feito parceria no início deste ano para negociar a compra da Santelisa Vale, de Sertãozinho (SP). Mas o negócio não foi levado adiante porque a família Biagi optou por fechar um acordo de exclusividade com a multinacional francesa Louis Dreyfus.

Juntas, agora as duas companhias avaliam ativos na região Centro-Sul. Nessa parceria, a GP Investimentos , que ainda não tem participação acionária em usinas de açúcar e álcool, vai se beneficiar da expertise operacional do grupo São Martinho, considerado um dos mais eficientes do país. A gestora entrará com boa parte dos recursos financeiros. "É uma união que prevê o equilíbrio de forças", afirma uma fonte familiarizada com esta parceria.

Fontes do setor afirmam que as duas empresas entraram no páreo pela Equipav, com duas usinas no noroeste de São Paulo. O Santander, contratado pelo grupo paulista para selecionar os interessados nos ativos do grupo, teria recebido proposta conjunta da GP e São Martinho, além das apresentadas pela Bunge, Açúcar Guarani, controlada pela francesa Tereos, e Cosan, segundo as mesmas fontes. Procurada, a Equipav não

Ao Valor, a São Martinho informou que não negocia a compra de nenhuma usina neste momento. O grupo está consolidando os investimentos realizados na unidade Boa Vista, de Goiás. Junto com a GP, tem apenas olhado "oportunidades no mercado". A GP informou, por meio de sua assessoria, que não comentaria a informação.

O movimento de fusões e aquisições no setor sucroalcooleiro está desaquecido desde setembro do ano passado, quando a crise financeira global eclodiu, atingindo as usinas em cheio. Cerca de 50 usinas estão à venda na região Centro-Sul, o que torna os ativos desse setor mais baratos. No entanto, os grupos consolidadores, como a Cosan e Bunge, por exemplo, e investidores interessados nesse segmento estão mais criteriosos em concretizar negócios.

A multinacional Bunge, que avalia os ativos da Equipav, também está no páreo para a compra das usinas do grupo paulista Moema. As negociações seguem em andamento, apurou o Valor. Procurada, a Bunge não comentou a informação.

Neste ano, o grupo Cosan, o maior do país, foi responsável pelo maior negócio realizado no setor. A companhia comprou a Nova América, detentora da marca União. A Louis Dreyfus está negociando a compra da Santelisa Vale. O processo está em andamento e deverá levar mais algumas semanas para ser concluído.

Moagem de cana bate recorde no Centro-Sul – Valor Econômico – Agronegócios – 26/08/2009

A moagem de cana durante a primeira quinzena de agosto no Centro-Sul do país atingiu 40,085 milhões de toneladas, um crescimento de 34,4% sobre igual período do ano passado. O volume processado foi recorde, segundo a União da Indústria da Cana-de-açúcar (Unica).

No acumulado da safra até o dia 15, o processamento da matéria-prima pelas usinas ficou em 286,638 milhões de toneladas, com aumento de 17,3% sobre igual período do ciclo passado.



Mas mesmo com volume recorde alcançado na quinzena passada, a Unica acredita que a marca não deverá se repetir tão cedo, uma vez que as chuvas voltaram a prejudicar o andamento da colheita de cana na região. A expectativa é de que haja uma redução na moagem em 10 milhões de toneladas de cana na segunda quinzena deste mês.

Do total da cana processada nesta safra, as usinas produziram 15,339 milhões de toneladas de açúcar, um aumento de 23,4% sobre o mesmo período do ano passado. A produção de álcool no período ficou em 12,324 bilhões de litros, crescimento de 8,4%.

Das 23 novas unidades que devem iniciar as operações nesta safra, 12 deverão iniciar suas atividades até o fim de agosto.

Por conta do clima chuvoso, a Unica deverá rever suas estimativas de moagem para 2009/10. A expectativa é de que a produção de açúcar recue em 1 milhão de toneladas e a de álcool em 700 milhões de litros por causa da queda de quatro quilos de ATR (Total de Açúcar Recuperável) por tonelada de cana colhida no período.

ETH inaugura usina e 'olha oportunidades' - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios – 27/08/2009

A ETH Bioenergia, controlada pelo grupo Odebrecht, coloca em operação hoje um de seus três projetos "greenfield" (construção a partir do zero). A unidade Rio Claro, de Caçu (GO), será inaugurada oficialmente hoje, com moagem estimada entre 800 mil e 1 milhão de toneladas de cana para a safra 2009/10. Os outros dois projetos do grupo - Conquista do Pontal (SP) e Santa Luzia, em Nova Alvorada (MS) - começam as operações a partir de setembro.

A ETH já investiu R$ 1,5 bilhão na construção das três usinas, com capacidade para moer nesta primeira fase do projeto 3 milhões de toneladas de cana cada uma. Os aportes totais nessas mesmas unidades vão chegar a R$ 2,7 bilhões, suficientes para dobrar a capacidade de processamento da matéria-prima, afirmou José Carlos Grubisich, presidente da ETH.

Criada há dois anos, a ETH pretende processar cerca de 45 milhões de toneladas de cana até a safra 2015/16, com a produção de 3 bilhões de litros de álcool. Os investimentos totais previstos pela empresa para criar seu complexo sucroalcooleiro somam R$ 6 bilhões. Além dos três projetos "greenfield", o grupo também controla duas usinas de açúcar e álcool - a unidade Alcídia, na região do Pontal do Paranapanema (SP), e a Eldorado, no Mato Grosso do Sul. Todos as usinas do grupo estão aptas para cogerar energia.

Para atingir a meta de moer 45 milhões de toneladas, Grubisich afirmou que a empresa trabalha com um plano A, que é crescer organicamente a partir dos seus projetos "greenfield". A ETH não descarta, contudo, fazer aquisições no meio do caminho.

Segundo Grubisich, a companhia avalia as "boas oportunidades do mercado",

chegou a olhar os ativos dos grupos paulistas Moema e Equipav, que estão à venda, mas não fez proposta oficialmente. Também analisa os ativos da Brenco, que está em busca de um sócio.

A companhia tem planos para abrir seu capital a partir de 2011/12. "Até lá, a ETH terá um crescimento robusto e estará mais estruturada para ir à bolsa", afirmou Grubisich.

Para esta safra, a 2009/10, a empresa deverá moer até 8 milhões de toneladas de cana, o dobro do volume processado no ciclo passado. As novas unidades que vão entrar em operação devem moer entre 800 mil a 1 milhão de toneladas cada. A Alcídia recebeu aportes para elevar sua produção de 1,4 milhão de toneladas para 2,1 milhões de toneladas. A Eldorado, que processa entre 2,2 milhões a 2,4 milhões de toneladas de cana, tem recebido investimentos para atingir 6 milhões de toneladas de cana.

Boa parte da produção de cana do grupo será voltada para o etanol. O açúcar deverá responder por 20% a 25% da produção total do grupo. A produção de açúcar da ETH está concentrada nas unidades Alcídia e Eldorado, mas a companhia planeja industrializar o produto também na unidade Conquista do Pontal, que será inaugurada no mês que vem.

Por enquanto, os planos da empresa não incluem investimentos em alcodutos. "Podemos participar como clientes de um dos projetos já anunciados ou mesmo como parceiro", afirmou o executivo. No país, há três projetos neste sentido. Um deles é o da Brenco. O da Petrobras foi o pioneiro, mas ainda está em fase inicial, e também o da Uniduto, que tem usinas como sócias.

Observatório de Políticas Públicas para a Agricultura

POLÍTICA NACIONAL DE BIOCOMBUSTÍVEIS

Biodiesel

Câmara setorial discute diversificação e sustentabilidade das matérias-primas do biodiesel – Sítio eletrônico do MAPA – 19/08/2009

Brasília (19.8.2009) - A diversificação de óleos vegetais para a produção do biodiesel foi um dos assuntos tratados pelos representantes da Câmara Setorial de Oleaginosas e Biodiesel reunidos nesta quarta-feira (19), em Brasília. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) está coordenando os estudos das potencialidades agrícolas regionais e fortalecimento da pesquisa para aumentar a utilização de palmáceas consideradas estratégicas, como o inajá, macaúba, tucumã, além do pinhão-manso, desenvolvidas pela Empresa de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

O presidente da Câmara Setorial, Denílson Ferreira, destacou a importância do aumento da oferta de óleos vegetais de diferentes origens agrícolas com maior potencialidade produtiva e que, a médio e longo prazos, sejam alternativas econômicas também para a produção de biodiesel.

O pesquisador João Luís Nunes Carvalho apresentou os resultados preliminares de estudo sobre sustentabilidade da produção de biodiesel de soja, realizado pela União Brasileira de Biodiesel (Ubrabio). O objetivo do trabalho é a busca de subsídios técnicos para a produção brasileira de biocombustível e a conquista do mercado comum europeu, que adota diretrizes de sustentabilidade.

Mercado do biodiesel - Atualmente, o Brasil é um dos maiores produtores de biodiesel, ao lado dos Estados Unidos, Alemanha, França e Argentina. Em 2008, produziu 1,1 bilhão de litros e a previsão para este ano é chegar a 1,6 bilhão de litros. O governo federal e a iniciativa privada estudam a possibilidade de antecipar a mistura obrigatória de 5% (B5) de biodiesel ao óleo diesel mineral, a partir de 2010. Este percentual equivale a adicionar mais 400 milhões de litros à produção nacional. Desde 1º de junho deste ano, vigora a mistura de 4% (B4) no biodiesel comercializado no País, que é produzido a partir de oleaginosas como a soja e gorduras animais. (*Inez De Podestà*)

Etanol

Álcool está a salvo, dizem especialistas – Sítio Eletrônico da CNA – 04/08/2009

A valorização nos mercados mundiais fez com que o açúcar assumisse no primeiro semestre do ano um novo papel na pauta de exportações brasileiras.

A receita chegou a US$ 3,19 bilhões, crescimento de 53%, o maior entre as principais commodities agrícolas comercializadas pelo país. Em julho, a alta do faturamento com as vendas externas de açúcar foi de 34,3% ante o mesmo mês de 2008. Em volume, a alta foi de 36,8%, para 10,4 milhões de toneladas de janeiro a junho. O país exporta praticamente 70% do que produz. Esse desempenho ameaça a produção de álcool?
Antonio de Padua Rodrigues, diretor da Unica, diz que não é simples mudar a logística de distribuição de álcool para a de açúcar. Além disso, quase 40% das unidades do centro-sul produzem apenas etanol. Como o combustível vem de um período de preços achatados, as empresas não têm recursos para investir no redirecionamento para o açúcar.

A Unica prevê que 57,7% da safra atual de cana vire álcool (ante 60,5% na anterior). A participação do açúcar deve subir de 39,5% para 42,3%. Para Mírian Bacchi, professora da USP e pesquisadora do Cepea, o setor está maduro para não comprometer o promissor mercado de biocombustíveis.

* Noticia publicada no Jornal Folha de São Paulo desta terça-feira - 04/08/2009.

Preço do açúcar anima cadeia da cana – Sítio Eletrônico da CNA – 04/08/2009

A Bolsa de Nova York registra maior valor em 3,5 anos para o primeiro contrato; saca de 50 kg sobe ano a ano e já chega a R$ 42 em SP.

Chuvas além da conta no Brasil e clima muito seco na Índia sustentam os preços do açúcar no mercado internacional. Ontem, num dia de forte alta das commodities - produtos primários com grande participação no comércio mundial-, o açúcar fechou a 19,14 centavos de dólar por libra-peso, alta de 2,85% em relação ao pregão de sexta-feira no mercado futuro de Nova York. A máxima chegou a 19,43, o maior patamar em 3,5 anos. Em Londres, a tonelada ficou em US$ 502,90 para o primeiro contrato, valorização de 2,26%, na maior cotação em 25 anos.

Em relação a um ano atrás, os preços nova-iorquinos estão 35,46% mais altos. Os londrinos, 24,79%. Analistas esperam que os futuros do açúcar superem em breve os 20 centavos de dólar por libra-peso em Nova York. Confirmada essa previsão, cairá um recorde de 28 anos. Essa tendência se explica pela evolução das safras dos maiores produtores mundiais.

A Índia está muito seca, e o Brasil, muito úmido. Isso ocorre em um momento de déficit global de 9 milhões de toneladas, afirma Hussein Allidina, chefe de pesquisa de commodities do Morgan Stanley. Ele prevê que a produção brasileira alcance 35,7 milhões de toneladas. Entretanto, se as chuvas continuarem, a cana será deixada nos campos.

Antonio de Padua Rodrigues, diretor técnico da Unica (União da Indústria de Cana de açúcar), afirma que o mercado corrige os efeitos de projeções que não devem se confirmar. No começo da safra, em abril, a expectativa era que o centro-sul do Brasil chegasse a 32 milhões de toneladas de açúcar, depois dos 26,8 milhões da temporada 2008/09. A previsão foi revista para 31,2 milhões, mas, agora, aparentemente está difícil chegar a esse número. O excesso de chuvas diminuiu o teor de sacarose dos canaviais, reduzindo o rendimento do processamento do açúcar e do álcool.

Monções - Na Índia, o problema é o oposto do Brasil. A falta de precipitações eleva a probabilidade de que as estimativas da safra que começa a ser colhida em outubro sejam otimistas demais, diz Allidina. As monções não têm trazido a umidade necessária ao campo indiano.

Até agora, porém, o Morgan Stanley mantém a projeção de que o país asiático produza 19,4 milhões de toneladas na nova temporada, 3,4 milhões mais que na estação atual. No auge, a colheita indiana chegou a 28 milhões de toneladas.

Todo esse cenário faz com que os preços do açúcar no mercado interno brasileiro permaneçam em elevação. Mírian Bacchi, pesquisadora do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da USP), comparou o preço atual da saca de 50 kg no interior paulista com as cotações médias das safras passadas, retirado o efeito da inflação.

O indicador do açúcar cristal fechou ontem em R$ 42, R$ 10 mais que a média de toda a safra passada. Em relação à temporada anterior, o aumento é de R$ 13. As projeções do mercado futuro de Nova York são favoráveis até meados de 2012, afirma Bacchi.

* Autor: Gitnio Fortes. Noticia publicada no Jornal Folha de São Paulo desta terça-feira - 04/08/2009.

Alta do açúcar não salva usinas, diz Única – Sítio eletrônico da CNA – 21/08/2009

Apesar da elevação do preço do açúcar, o setor sucroalcooleiro continua a se queixar de problemas financeiros. O diretor técnico da Unica (associação de usinas), Antonio de Padua Rodrigues, afirma que boa parte dos lucros obtidos com a cultura será usada para pagar dívidas.

A falta de caixa e de crédito e os baixos preços do álcool ainda prejudicam as usinas.

O açúcar vai ajudar as usinas, mas não resolve todos os problemas, afirma Rodrigues.

O motivo é que a maior parte da produção de cana é direcionada para o álcool, produto que acumula quedas nos preços.

A estimativa da Unica é que 43% da produção seja revertida para o açúcar neste ano, mais que os 39% de 2008. Isso proporcionará uma produção de 36 milhões de toneladas de açúcar neste ano - 5 milhões de toneladas mais que em 2008. A qualidade da cana e a capacidade de refino das usinas impedem uma produção maior.

Segundo os cálculos de Rodrigues, hoje o produção de açúcar proporciona uma rentabilidade 65% maior que a de álcool para o mesma quantidade de cana. Para aumentar a capacidade de produção de açúcar, o setor precisaria investir em máquinas. Mas isso não está acontecendo, porque as usinas não têm crédito aprovado.

Rodrigues vê uma tendência de manutenção do atual nível de preços do açúcar até 2011 -R$ 46,11 a saca, segundo dados de ontem do Cepea. Há um déficit de açúcar no mundo que nenhum país pode suprir.

Com a perda de parte da produção de cana para o açúcar, a Unica espera uma alta no preço do álcool nos próximos meses.

* Autor: Guilherme Barros. Noticia publicada no Jornal Folha de S. Paulo desta Sexta-Feira - 21/08/2009.

Queda-de-braço entre ministérios emperra investimentos de usinas – Sítio Eletrônico da CNA – 25/08/2009

O governo já decidiu, em caráter interno e reservado até agora, proibir o plantio de cana na chamada bacia do Alto Rio Paraguai, na região do Pantanal. Essa queda-de-braço entre os ministérios do Meio Ambiente e da Agricultura, decidida pessoalmente pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ameaça a produção e inviabiliza novos investimentos de um grupo de 83 produtores da região de Tangará da Serra, onde estão

situadas 85% dos 220 mil hectares de lavouras de cana de Mato Grosso.

Os produtores da região, apoiados pelo governador Blairo Maggi (PR), querem investir mais de R$ 1 bilhão na recuperação de áreas degradadas de pastagens e em novas usinas com tecnologia capaz de evitar vazamentos de resíduos industriais, sobretudo da temida vinhaça. O Estado tem quase 80% de sua produção de 850 milhões de litros de etanol concentrada na região do Alto Paraguai. Maggi pediu a Lula que não vetasse o plantio de cana na região, onde está situada a usina Itamaraty e outra dezena de plantas industriais.

Na corrida pela cana, dois grupos de produtores até já fundaram empresas. A Companhia Energética Verde Norte S.A, de Denise (MT), promete R$ 350 milhões para um planta capaz de processar 3 milhões de toneladas de cana por safra. A empresa, que reúne 33 produtores de 18 mil hectares de cana da região, planejam ampliar a área plantada para 33 mil hectares. Temos tecnologia nova e brasileira capaz de atender às exigências do Meio Ambiente, diz o presidente Ralf Kruger. A nova usina, segundo ele, desidrata a vinhaça ainda no processamento da cana, gera vapor e energia, além de produzir adubo rico em potássio. Essa planta elimina o uso de água e zera as perdas de vapor, usando a água da própria cana no processo, diz.

A Cia. Terra promete ampliar os investimentos nessa tecnologia. Os 50 produtores-sócios preveem a construção de duas unidades para moer até 3 milhões de toneladas cada uma ao custo de R$ 700 milhões. Temos investidores interessados, mas ninguém quer botar dinheiro em algo que pode parar na Justiça, diz o produtor Normando Corral.

A opção federal, que deve ser oficializada por meio do zoneamento da cana, pode ser contestada na Justiça pelos produtores e pelo governo de Mato Grosso. Há, ainda, a alternativa de licenciar as usinas argumentando que a Constituição autorizaria os Estados a legislar sobre questões ambientais. Estamos há 25 anos produzindo cana aqui e não podemos ser condenados ao fracasso, apela Corral. Para ele, não faz sentido a discussão sobre a ocorrência do bioma Amazônia na região. Aqui, estamos na bacia do rio da Prata. Não há perigo nenhum para o Pantanal, diz.

As duas empresas solicitaram ao governo de Mato Grosso o licenciamento ambiental dos empreendimentos. Mas o Estado aguardava a decisão federal para tomar uma medida.

* Noticia publicada no Jornal Valor Econômico desta Terça-Feira - 25/08/2009.

Colheita de cana atinge recorde de 40 milhões de toneladas na primeira quinzena do mês – Sítio eletrônico da CNA – 25/08/2009

Dados levantados junto às unidades produtoras da Região Centro-Sul registraram uma moagem recorde de 40 milhões de toneladas de cana-de-açúcar na primeira quinzena de agosto, contra 35,7 milhões na última quinzena de julho. No acumulado desde o início da safra 2009/10, a moagem no Centro-Sul alcançou 286,6 milhões de toneladas, apresentando um crescimento de 17,28% em relação ao mesmo período da safra anterior.

Apesar do recorde na primeira metade de agosto, esse avanço da moagem deve ser comprometido pelas chuvas que ocorrem em boa parte da região produtora ao longo da segunda quinzena do mês. Assim, a retração da moagem, que na safra anterior foi observada na primeira quinzena de agosto, neste ano deverá ocorrer na segunda quinzena do mês, com uma redução esperada de 10 milhões de toneladas de cana.

A quantidade de produtos obtidos por tonelada de cana esmagada ainda continua baixa quando comparada aos anos anteriores. Enquanto na primeira quinzena de agosto de 2008 foram obtidos 149,23 quilos de Açúcares Totais Recuperados (ATR), na primeira quinzena de agosto deste ano a quantidade obtida foi de 142,28 kg, uma queda de 4,6%. No acumulado desde o início da safra, a qualidade da cana ficou em 129,63 kg de ATR por tonelada, valor 2,65% menor que o mesmo período da safra anterior. As chuvas na segunda metade do mês também devem prejudicar o acúmulo de açúcar na planta.

A produção acumulada de etanol na atual safra até 15 de agosto é de 12,3 bilhões de litros, 8,4% superior ao acumulado no mesmo período da safra anterior. A produção na primeira quinzena de agosto atingiu 1,8 bilhão de litros, 14,47% superior ao total da mesma quinzena da safra anterior, que foi severamente prejudicada pelas chuvas.

Do total de cana processada desde o início da safra, 43,33% foi direcionada à produção de açúcar, resultando em um volume acumulado de 15,3 milhões de toneladas, 23,44% superior ao acumulado no mesmo período da safra anterior. Somente na primeira quinzena de agosto, o volume de açúcar produzido foi de 2,5 milhões de toneladas. As unidades mistas, que produzem açúcar e etanol, continuam priorizando a produção de açúcar em função dos preços mais remuneradores.

Das 23 novas unidades com início de atividades (primeira moagem) previsto para a safra 2009/2010 na Região Centro-Sul, 12 deverão estar operando até o final de agosto.

Nova projeção da safra - A revisão da estimativa da safra 2009/2010 pela UNICA está sendo concluída e deverá ser divulgada no mês de setembro. Todavia, pode-se afirmar que a qualidade da matéria-prima será bastante inferior àquela estimada em abril - a redução esperada poderá atingir 4 kg de ATR por tonelada de cana. As informações são da assessoria de imprensa da Unica.

* Fonte: Agrolink.

Futuro da Cana não Está apenas no Etanol – Eduardo Magossi - Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 19/08/2009

A forte elevação dos preços do açúcar no mercado internacional é um reflexo da volta dos recursos que saíram das commodities durante a crise de liquidez de 2008. E essa volta está sendo alimentada pelos fundamentos cada vez mais favoráveis apresentados pelo setor sucroalcooleiro, segundo Fábio Venturelli, presidente executivo do grupo São Martinho, um dos maiores produtores de açúcar e álcool do País. O executivo, porém, acredita que a mesma crise que tirou o crédito do mercado foi responsável por limitar a expansão desenfreada de novos concorrentes, ao tornar evidente que, para sobreviver no setor, há a necessidade de ser eficiente tanto na área agrícola como na industrial. O executivo, há dois anos no comando do São Martinho, veio de uma carreira bem-sucedida como diretor da Dow Química no Brasil e nos Estados Unidos com a missão de consolidar a profissionalização do grupo e triplicar seu tamanho até 2020. Venturelli mostra cautela diante do movimento de consolidação que o setor atravessa neste momento e afirma que o futuro está muito além do etanol: está no aproveitamento da eficiência do carbono proveniente da cana.

O sr. acredita que os preços do açúcar estão altos mesmo considerando os fundamentos positivos, como o déficit mundial de oferta e a incapacidade da Índia em retomar sua produção rapidamente?

de alta estão um pouco elevados por causa do retorno de fundos e especuladores ao mercado com grande apetite. Desde a crise, esses recursos estavam à margem do mercado e agora, diante do cenário positivo, estão voltando.

E esse movimento pode ser negativo?

Acredito que isso pode deixar as cotações um pouco acima do real, principalmente em função da especulação. É como se em cima do bolo houvesse uma camada extra de creme. Não digo que a alta não seja real. Ela é, com certeza. Mas talvez preços muito acima de US$ 0,20 sejam um pouco distorcidos. E vale lembrar que, em 2006, uma forte alta nos preços foi verificada em um período um pouco maior que uma semana. Mas em igual período a alta também foi realizada. Então, precisamos saber o que é a alta provocada pelos fundamentos e o que é especulação.

Que papel teve a crise na atual situação do setor sucroalcooleiro?

A crise foi a melhor coisa que aconteceu para o setor, apesar de seus aspectos negativos como falta de liquidez e crédito. O que aconteceu foi que criou-se uma expectativa de que qualquer investidor poderia entrar nesse mercado e se dar bem. E isso é um engano.

Então o senhor acredita que a consolidação provocada pela crise é positiva para o setor?

Quando a consolidação é feita partindo da premissa de que as duas empresas que se consolidaram vão produzir mais valor juntas que separadas, acho que é positivo. Porém, estávamos vendo algumas consolidações que subvertiam essa afirmação. E se o valor da nova empresa é inferior ao gerado individualmente por cada uma das duas, é óbvio que a coisa pode não funcionar.

E como a São Martinho pretende participar desse movimento?

Em primeiro lugar, com cautela, sempre levando em conta a lógica de que esse processo tem de ser feito para agregar valor. Até o momento, nos processos que participamos, propomos ter uma participação como investidor na empresa e, com esse papel, ajustar a empresa para depois, mais adiante, intensificar o processo de consolidação. Mas existem várias formas de consolidação. Não precisa ser necessariamente por meio da aquisição da usina, pode ser por meio da compra de canaviais, de matéria-prima.

E construção de novas usinas, o sr. acha viável?

Não neste momento. Acredito que os próximos passos no processo de consolidação serão feitos via aquisição de usinas já existentes. E poderão ser feitos com recursos de novos entrantes, com dinheiro de fora do setor. O setor vai voltar a participar do processo de consolidação com maior força quando sua capacidade de endividamento voltar a crescer. No momento, ela não existe.

Recentemente, dois importantes jornais americanos publicaram editoriais condenando o

imposto de importação de etanol praticado pelos Estados Unidos. O senhor acredita que está havendo uma mudança de mentalidade e que isso possa beneficiar o Brasil?

Em primeiro lugar, acredito que o mercado de etanol do Brasil não depende do mercado americano. Depende do mercado interno, é nele que devemos nos concentrar. O mercado externo é um complemento e, nesse contexto, os EUA são importantes. E o que ocorre hoje lá é que o imposto não está conseguindo mascarar a realidade de que o etanol de milho é menos eficiente. Os EUA são muito dependentes das tradings gigantes, que são fortes em milho, mas aos poucos eles estão descobrindo os benefícios da cana. E uma abertura maior do mercado externo ainda depende também de toda a questão envolvendo a forma como o Brasil cuida de seus recursos naturais.

E o futuro deste setor?

Não acredito que o futuro seja apenas etanol. O futuro vai estar nas mãos de quem souber aproveitar com maior eficiência o carbono renovável existente na cana. E com este carbono produzir plásticos, outros combustíveis como óleo diesel, utilizações práticas em produtos químicos. E tudo de forma renovável. A cana é a fonte mais barata de energia renovável do mundo.

Energia – Esperança vem até de dejetos – Washington Novaes- Estado de São Paulo – Espaço Aberto – 28/08/2009

Em que se traduzirá, na prática, a decisão do governo brasileiro, anunciada no início da semana, de assumir na reunião da Convenção do Clima, em dezembro, "metas" de redução das emissões nacionais de gases que contribuem para o efeito estufa - metas essas traduzidas em "números", como disse o ministro do Meio Ambiente, mas cobrando "recursos, parcerias tecnológicas" (Estadão, 25/8)? Até aqui, o Brasil tem-se recusado a assumir compromissos de redução. Esses "números" concretizarão uma mudança real? Seria esse o significado das "ações quantificadas" que o Itamaraty menciona (Folha de S.Paulo, 12/8)? Improvável. E que estará dizendo o novo inventário brasileiro de emissões, também anunciado para estes dias? Há quem afirme, como o consultor do governo britânico sir Nicholas Stern, que elas dobraram em relação a 1994, quanto atingiram mais de 1 bilhão de toneladas de carbono/ano e mais de 10 milhões de toneladas de metano.

Talvez se desfaça o mistério numa reunião preliminar que a ONU promoverá no próximo dia 22, em Nova York. O próprio secretário-geral da convenção, Yvo de Boer, já disse que considera escasso o tempo para que se chegue a um acordo global - incluído o das duas últimas reuniões preparatórias específicas, em Bangcoc e Barcelona, que antecederão a cúpula de Copenhague, em dezembro. Na verdade, serão apenas 15 dias de negociações para tentar reduzir a umas 30 páginas o documento até agora negociado

que está com cerca de 200 páginas - o que significa que as posições divergentes de cada país ou bloco continuam entre colchetes, como é a praxe nesse tipo de discussão internacional.

Apesar do ceticismo rondante, várias instituições continuam a afirmar que há soluções possíveis, mas dependerão fundamentalmente de pôr em prática tecnologias capazes de reduzir as emissões. E isso pode custar até US$ 400 bilhões por ano - cálculo do World Wide Fund (WWF) -, além de depender de transferência de tecnologias para os países mais pobres. Mas os Estados Unidos e outros países industrializados até aqui deixaram claro nas negociações que não aceitam mudanças no regime de propriedade dessas tecnologias - o que exige pagamento de royalties e outros direitos.

Enquanto isso, sucedem-se as notícias preocupantes. Julho de 2009 foi o mês mais quente no mundo em 130 anos, 0,6 grau acima da média de século 20. No Ártico a temperatura ficou 5,5 graus acima da média. Estudo publicado nos Proceedings of the National Academy of Sciences (Estado, 18/8) mostra que as chuvas podem ser 6% mais fortes a cada grau mais elevado de temperatura.

Também há notícias positivas. O próprio secretário-geral da ONU informou que a China acrescentou 4,5 mil MW de energia eólica à sua matriz energética, no primeiro semestre deste ano. Ainda assim, um estudo de assessores científicos do governo chinês afirma que o país precisa de "metas rígidas" (que até aqui a China não aceita) para que o consumo total de energia possa cair - a partir de 2030. Esse país já é o maior emissor no mundo, com 1,8 bilhão de toneladas anuais de carbono, e até 2020 triplicará para 150 milhões o número de veículos em circulação no seu território. Mas também é o maior produtor de painéis fotovoltaicos.

No ritmo atual, diz a Agência Internacional de Energia, o consumo desta aumentará 70% até 2030 e o petróleo só baixará de 38% para 33% na matriz energética, enquanto o carvão cairá de 24% para 22%. Seus especialistas afirmam que será preciso investir US$ 45 trilhões até 2030 para compatibilizar a matriz com a questão do clima. Será possível? A Rede de Políticas de Energia Renovável mostra que esta cresceu 16% em 2008 e chegou a 280 mil MW no mundo, com aumentos de 70% na energia de fotovoltaicos conectados a redes, 29% na energia eólica e 34% nos bicombustíveis. Já o Instituto Pike assegura que os biocombustíveis crescerão 15% ao ano e em 2020 chegarão a US$ 1 trilhão/ano. O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente prevê a criação de 20 milhões de empregos na área das energias renováveis em dez anos...

Por aqui, continuaremos a recorrer, nos próximos leilões de energia, a termoelétricas altamente poluidoras. Até o ano que vem, teremos apenas 1,4 mil MW de energia eólica, quando o potencial é de 60 mil MW. Mas a cada dia surgem novas possibilidades, principalmente no campo das bioenergias. No IV Congresso Internacional de Bioenergia, em Curitiba, há duas semanas, por exemplo, houve uma apresentação do projeto de geração de energia a partir de resíduos animais, já em execução no Paraná, com apoio da Itaipu Binacional e da Organização para a Alimentação e a Agricultura (FAO), da ONU, que já tem até livro editado (Agroenergia

da Biomassa Residual, coordenado por José Carlos Libânio, Cícero Bley Jr., Maurício Galinkin e Mauro Márcio Oliveira).

Nesse processo, os dejetos animais queimados geram biogás, que produz energia; o agricultor a consome diretamente, em especial nos horários de pico, quando a energia da rede é mais cara, e até pode vender a esta o excedente, se houver. Um subproduto do processo é o biofertilizante. E toda a cadeia produtiva de carnes, ao tratar adequadamente a biomassa residual, pode reduzir a emissão de gases que afetam o clima e se candidatar à comercialização de créditos de carbono.

O potencial teórico do processo no País, diz o estudo, é de 1 bilhão de KW por mês, suficiente para abastecer uma cidade de 4,5 milhões de habitantes. Se aos 12 bilhões anuais por esse processo se adicionar o potencial do vinhoto do álcool, chega-se a uma geração distribuída suficiente para suprir, por exemplo, toda a Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Como se pode chegar a 2,4% da oferta de energia no País ou 12% da geração de Itaipu. Ou ainda toda a oferta da Usina de Jirau, no Rio Madeira.

Se até em dejetos é possível encontrar soluções, não se deve perder a esperança.

Energia no país ficou 30% mais suja, diz ministério – Marta Salomon – Folha de São Paulo – Ciência – 28/08/2009

A emissão de gás carbônico na geração de energia elétrica no Brasil cresceu 30% acima da oferta de luz entre 1994 e 2007. O aumento, registrado em estudo do Ministério do Meio Ambiente, explica-se pela atividade de usinas térmicas a óleo diesel e carvão no país.
O estudo indica as termelétricas como próximo alvo da política de redução de emissão de gases de efeito estufa, ao lado dos transportes, da indústria e do desmatamento. Também acende um sinal amarelo em relação às ambições do Brasil de posar como potência verde nas negociações do clima em Copenhague, em dezembro. "Nossa matriz energética ficou mais suja", comentou o ministro Carlos Minc ao divulgar as estimativas de emissões de CO2 pela queima de combustíveis fósseis e processos industriais. "Os dados ainda estão muito bons, comparados ao resto do mundo, mas a direção é ruim", destacou. Entre 1994 e 2007, a geração de energia elétrica no país cresceu 71%, enquanto as emissões de carbono na geração aumentaram 122%.
O percentual de aumento supera o registrado pelo setor de transportes, o que mais queima combustíveis fósseis no Brasil.
Para ajudar a reduzir as emissões deste setor -que cresceram 56%, sobretudo devido a veículos movidos a diesel- o Conama (Conselho Nacional do Meio Ambiente) votará na semana que vem novos limites de emissões para os carros de passeio e camionetes fabricados a partir de 2013.
Uma resolução em estudo no Conama exigirá a inspeção veicular em todo o país. Hoje

só o Estado do Rio de Janeiro e o município de São Paulo fazem esse tipo de controle. "São necessárias medidas para conter as emissões em outros setores e não apenas pelo desmatamento", observou o ministro.
As termelétricas deverão ocupar cada vez mais a matriz energética relativamente limpa do Brasil. O Plano Decenal de Energia do governo prevê a construção de 66 térmicas movidas a combustíveis fósseis.
Apesar disso, Minc afirmou que a exigência de compensar o lançamento de CO2 na atmosfera pelas usinas é objeto de negociação no governo e deverá ser atenuada. "Tem aquela queda de braço e estamos negociando: a exigência de plantar árvores aumenta o custo dos empreendimentos", ponderou. Em maio, ele dissera à Folha que não abriria mão da compensação: "Não tem volta".

Construção civil
Enquanto a economia brasileira cresceu 45,1% em 13 anos, as emissões da indústria cresceram 22% a mais entre 1994 e 2007. Os 77% de aumento no setor não incluem a queima de combustíveis fósseis. O crescimento foi liderado pela indústria de cimento, insumo da construção civil, um dos setores-chave do pacote de estímulo do governo federal para conter a crise econômica.
Os efeitos da crise não aparecem nos dados do ministério, no entanto. As estimativas anunciadas ontem são baseadas em dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), da EPE (Empresa de Pesquisa Energética) e dados da indústria até 2007. Os números devem ser atualizados uma vez por ano e não seguem a mesma metodologia do inventário oficial de emissões, em elaboração pelo Ministério de Ciência e Tecnologia. O primeiro e único inventário do gênero, que estimou as emissões totais do Brasil em 1 bilhão de toneladas -colocando o país entre os seis maiores emissores de CO2 do mundo- usa os dados de 1994. O próximo, a ser publicado no fim deste ano, tem 2000 como base.
Minc prevê que as emissões da indústria e da queima de combustíveis fósseis deverão alcançar entre 25% e 30% das emissões totais do país. Esse crescimento será acompanhado pela redução das emissões do desmatamento de 75% do total para algo entre 55% e 60%. O desmate segue como principal emissor do país.

Energia do carvão faz o Brasil poluir mais – O Globo – Capa – 28/08/2009

As emissões de CO2 cresceram 122% de 1994 a 2007, segundo o Ministério do Meio Ambiente. O principal motivo é o aumento do uso de termelétricas a carvão e a óleo, em detrimento de hidrelétricas.

O Brasil se aproxima do perfil de desenvolvimento dos países ricos, causa do aquecimento global.

Os dados divulgados são da indústria e da geração de energia, sem incluir o desmatamento. **Página 30**

Sujeira na matriz energética - Catarina Alencastro – O Globo - Emissões de CO2, principal gás-estufa, pelas termelétricas dobra no país

A matriz energética brasileira está mais suja. O principal motivo é o avanço de usinas termelétricas, muito mais poluentes que as hidroelétricas, que são responsáveis por cerca de 85% da geração elétrica do país.

Segundo uma estimativa das emissões de CO2 do setor industrial e energético, divulgada ontem pelo Ministério do Meio Ambiente, as emissões do principal gás causador do efeito estufa gerado pelas térmicas, movidas principalmente a óleo e a carvão, aumentaram 122% entre 1994 e 2007, passando de 10,8 milhões de toneladas de CO2 em 94 para 24,1 milhões de toneladas em 2007.

Com o aumento, o Ministério do Meio Ambiente estima que o setor industrial e energético já responda por 30% das emissões globais do país — a maior parte do restante viria do desmatamento.

Esse incremento já é sentido na evolução da intensidade de emissões no setor de energia como um todo.

Se há 15 anos a geração de energia emitia 42 toneladas de CO2 para cada gigawatts/hora, em 2007 a emissão era de 54 toneladas de CO2 por gigawatts/hora. Um aumento de 30%.

Este é um reflexo do aumento do investimento do governo nas termelétricas, aumentando o compartilhamento da matriz energética com as hidroelétricas.

— Nós estamos nos movendo rumo a um perfil semelhante ao dos países desenvolvidos — observou a secretária Nacional de Mudanças Climáticas, Suzana Kahn.

Minc critica as novas rodovias l Ao todo, as emissões da indústria cresceram 77%, e as do setor energético, 49%. Os dados foram levantados a partir de informações do IBGE, da própria indústria e da Empresa de Pesquisa Energética. Os números sobre as emissões relativas a desmatamento, que respondem pela maior parte da contribuição brasileira ao aquecimento global, só serão apresentados no ano que vem.

Mas, segundo o ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, o desmatamento, que em 1994 causava cerca de 70% das emissões totais do país, hoje deve estar em torno de 60%. Energia e indústria, que causavam 18% dos gases poluentes que o Brasil emitia, devem ter aumentado sua participação e chegado a quase 30%.

À parte o desmatamento, o setor de transportes é o maior emissor de CO2 em termos absolutos. Em 2007, foram 146,8 milhões de toneladas de CO2, um aumento de 56% em relação a 1994. Minc criticou o fato de os governos terem investido quase que exclusivamente no setor rodoviário em detrimento do ferroviário e do hidroviário, muito mais verdes.

— Enquanto outros países estão indo para ferrovias, nós estamos inflando o modal rodoviário.

Em 2007, carros, ônibus e afins jogaram no ar 50 milhões de toneladas de CO2 a mais do que em 1994, passando de 83,3 milhões para 132,7 milhões de toneladas do gás. O modal rodoviário emite 90% do total de CO2 produzido por todo o setor de transporte, enquanto o ferroviário emite apenas 1%.

As estimativas indicam que está aumentando também o consumo de gasolina e diesel no país. A saída, pregou Minc, é o governo e a sociedade adotarem medidas para estimular o transporte coletivo e investir em hidrovias.

Ele informou que uma das ideias que vêm sendo amadurecidas é aproveitar o licenciamento de hidroelétricas para casá-lo com a construção de hidrovias, uma boa solução para a Região Amazônica, sustentou.

Para Suzana, os números são importantes para ajudar o governo a elaborar políticas públicas. No caso do aumento de termelétricas, a área ambiental do governo vem defendendo que as usinas incorporem o custo

ambiental e plantem um número correspondente de árvores para compensar suas emissões.

A medida, que será objeto de uma resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama), causa divergências dentro do governo.

O ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, é contra. Já a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, defende um prazo maior para que as empresas se adaptem à nova regra. Segundo o Ibama, 82 novas usinas termelétricas aguardam licenciamento ambiental para serem construídas.

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Etanol

AIE reduz previsão para etanol brasileiro – Daniela Milanese - Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 13/08/2009

O cenário para a produção de etanol no Brasil se tornou menos otimista, aponta a Agência Internacional de Energia (AIE), em relatório mensal divulgado nesta quarta-feira (12/08). O motivo é a disparada do preço do açúcar no mercado internacional. A redução nos estoques mundiais tem feito a cotação do açúcar bater recordes. Na segunda-feira, o contrato para outubro atingiu US$ 0,22 por libra-peso na Ice Futures, o valor mais alto em 28 anos. A situação é causada pela seca na Índia e o excesso de chuvas no Brasil, segundo a AIE.

Preços elevados - A entidade lembra que os preços mais elevados incentivam a produção do açúcar em detrimento do etanol. Dessa forma, decidiu revisar para baixo as projeções para a atividade produtiva no mercado brasileiro no segundo semestre de 2009. A estimativa da AIE para a produção de etanol no Brasil foi reduzida entre 5 mil e 10 mil de barris por dia no período de junho a dezembro. O ajuste não foi maior, explica, porque o início da operação de novas usinas em julho traz alguma compensação.

Riscos - A agência diz que ainda há riscos para a produção, em razão da combinação de clima, do preço do açúcar e do impacto negativo da crise de crédito sobre as operações. A avaliação sobre o Brasil contrasta com as perspectivas mais recentes para o etanol em outras regiões. A AIE acaba de elevar a estimativa de produção global do produto em 20 mil barris por dia em 2009, por causa do desempenho melhor do que o esperado nos Estados Unidos e na Europa. Para 2010, a projeção foi ampliada em 15 mil barris por dia.

Milho - Os preços do milho têm recuado desde meados de junho, o que favorece o cenário americano. Como resultado, as margens do etanol dos EUA atingiram a máxima do ano e a produção deve continuar subindo no terceiro trimestre, diz a AIE. Em maio, os EUA produziram 670 mil barris por dia, acima dos 640 mil bpd registrados em abril. Na Europa, as margens e as taxas de capacidade continuam fracas. No entanto, os números de produção de etanol e biodiesel vieram mais fortes do que o esperado no segundo trimestre. Isso fez a agência elevar a projeção de oferta para o continente em 15 mil barris por dia em 2009.

Petróleo - A AIE revisou em alta a previsão para a demanda mundial de petróleo em 2009, para uma média de 83,94 milhões de barris por dia. A estimativa é 190 mil barris superior à anunciada pela agência em julho, mas ainda representa queda de 2,7% ante o nível do ano passado. A nova previsão está em linha com os níveis de consumo de 2005, um sinal de que a demanda da commodity segue fraca. No ano que

Ásia - A revisão ocorreu por causa da melhoria da atividade na Ásia, mas a AIE alertou que países de fora da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), como a Rússia, estão produzindo cerca de 160 mil barris de petróleo por dia a mais este ano do que o esperado antes. Segundo a AIE, esse aumento da oferta pode cancelar parte do efeito de alta da demanda sobre os preços. Desde janeiro, a AIE já revisou em alta sua previsão de fornecimento de petróleo pela Rússia, em um total de 360 mil barris por dia. Novos campos estão entrando em operação no oeste da Sibéria e a melhoria da tecnologia tem conseguido extrair mais hidrocarbonetos dos campos atuais.

Angola plantará cana com o Brasil – Sítio Eletrônico da CNA – 28/08/2009

Angola plantará cana-de-açúcar a partir de setembro pela primeira vez em 30 anos. O projeto em parceria com o Brasil para a produção de açúcar e etanol será o primeiro passo de Angola em direção aos biocombustíveis. Participam do projeto a companhia petrolífera estatal Sonangol, a brasileira Odebrecht e o grupo privado angolano Damer. O programa de biocumbustíveis de Angola é uma tentativa de recuperar a agricultura após três décadas de guerra e começará na província de Malanje, de 30 mil hectares, a leste da capital Luanda. A meta do governo é diversificar a economia e aliviar a dependência de Angola das exportações de petróleo e diamantes, responsáveis pelo auge econômico vivido pelo país após a guerra civil que terminou em 2002.

* Noticia publicada no Jornal Correio Braziliense desta Sexta-Feira - 28/08/2009.

Brasil e UE farão parceria com a África para produzir etanol - Assis Moreira – Valor Econômico – Agronegócios – 20/08/2009

O Brasil e a União Europeia (UE) vão lançar uma parceria triangular com a África na área de bioenergia. O objetivo é produzir etanol no continente africano para ser vendido no mercado europeu, um dos grandes consumidores mundiais.

A parceria deverá ser assinada durante a reunião de cúpula Brasil-Uniao Europeia, no dia 6 de outubro, em Estocolmo (Suécia), com a presença do presidente Luis Inácio Lula da Silva. Para o embaixador brasileiro na UE, Ricardo Neiva Tavares, a iniciativa poderá servir de modelo para outras cooperações triangulares.

Com a iniciativa, o Brasil quer continuar fomentando a criação de um mercado internacional do etanol. Além disso, o país entrará com tecnologia e expertise na produção do biocombustível pela sua alta competitividade no setor.

Países africanos obterão vantagens para produzir e dar opção para produtores pobres melhorarem sua renda. A comissão da União Africana, sediada em Adis-Abeba (Etiópia), vai centralizar as operações. Por sua vez, os europeus terão a garantia de abastecimento e de importação de etanol produzido sob estritos critérios de sustentabilidade ambiental e social delineados pelo Parlamento Europeu.

Após a assinatura da parceria serão definidos os países africanos que serão incluídos na produção. A parceria pode incluir também construção de hidrelétricas, com expertise brasileira.

A participação da UE como produtor e importador de etanol é essencial para transformar o etanol em commidity global. Uma diretiva europeia estabelece que o bloco deverá ter 20% de energias renováveis em sua matriz em 2020, com participação mínima de etanol e biodiesel de 10% no consumo no setor de transportes.

A produção de biocombustíveis se generaliza globalmente, mas a oposição não diminui. A Agência das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentaçao (FAO) está propondo aos países um texto sobre possíveis decisões do Encontro de Cúpula Mundial sobre Segurança Alimentar, marcado para 16 a 18 de novembro em Roma, que alveja a produção. Para a FAO, o mercado nascente de bioenergia é uma fonte nova e significativa de demanda de produtos alimentares como cana-de-açúcar, mandioca, milho e oleaginosas, que em muitos casos concorrem com outros alimentos no uso das terras e da água.

A agência quer que os líderes políticos reconheçam que a utilização desses produtos para biocarburante deflagrou o aumento de subvenções que alcançaram US$ 11 bilhoes em 2006 e proteçao tarifária, e que isso estaria entre os fatores que levaram as fortes altas de preços dos alimentos nos ultimos anos. A estimativa da FAO é de que na safra 2008/09, nada menos de 104 milhões de toneladas de cereais e grãos terão sido destinados à produção de energia.

Observatório de Políticas Públicas para a Agricultura

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores
Georges Flexor, Jorge Romano, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Lauro Mattei e Ademir A. Cazella

Assistentes de Pesquisa
Karina Kato e Silvia Zimmermann

Secretária
Diva de Faria

Observatório de Políticas Públicas para a Agricultura

Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214
Fax: 21 2224 8577 – r. 217
Correio eletrônico: oppa@ufrrj.br
Sítio eletrônico: www.ufrrj.br/cpda

Apoio

CNPq · actionaid · CIRAD · IICA · nead · Ministério do Desenvolvimento Agrário · Brasil, um país de todos, Governo Federal